Cinearte

CAROL LOMBARD

No incendio do Studio da Eclair, foi destruido totalmente o negativo do film de Donatien, "Pogrom". Será impossivel dentro de algum tempo refilmal-o novamente, porquanto, dos artistas: Suzy Vernon está na America, Jack Trevor, na Inglaterra, Hans Scleton, na Allemanha e José Davert na Camargue. Muitas scenas do dito film, haviam sido tomadas em: Jerusalem, Tunisia, Grecia e Côte d'Azur.

Irene Bordoni, figura principal da fita *Paris*, acaba de assignar um contracto para figurar nos *shorts* da Paramount.

Jetta Goudal, conhecida artista, acaba de casar-se com Harold Grieve, decorador de montagens e se associará a elle nos seus negocios.

Em um studio de Joinville, acaba de ser realizado o primeiro film falado em hungaro. T. C. Hegedus foi o director.

* * *

Antonio Pinheiro que tambem é um conhecido artista, está dirigindo "A Portugueza de Napoles", em Portugal, Heloisa Clara é a protagonista.

* * *

Antero Faro e Arnaldo Coimbra vão produzir um film sobre os portuguezes na Grande Guerra, cujo titulo será "Almas heroicas".

* * *

A Leo Film, de Varsovia, vae produzir um film com os artistas Nora Ney e Zb. Sawan, cujo titulo ainda é ignorado.

* * *

Tambem na Polonia, o romance de Rodziewicz, "Dewajtis", vae ser dirigido por K. Meglicki. Os principaes artistas serão: Zorika Szymanska e André Karewicz.

* * *

A partitura musical do film "Jeannot, le musicien" foi confiada ao maestro Georges Fitelberg.

DIDI VIANA E DECIO MURILLO, NUMA SCENA DE "O PREÇO DE UM PRAZER", SEGUNDA PRODUCÇÃO DA CINÉDIA.

HA quem detrate tudo quanto até agora tem realizado o elemento nacional em materia de cinematographia; assim como existe o bando impenitente dos eternos derrotistas que não acreditam absolutamente que possamos realizar aqui; com elementos nossos qualquer cousa digna de ponderação.

Isso se vê todos os dias especialmente nos artigos publicados nos jornaes em que meia duzia de criticos arvorados se mettem a doutrinar com dogmatismo sobre uma cousa que, se conhecem pela rama, é o maximo da concessão que lhes podemos fazer.

Seria impossivel que a industria cinematographica surgisse entre nós, como em qualquer outro ponto do globo, armada de ponto em branco, como Minerva da cabeça de Jupiter.

E' natural que haja hesitações e erros a principio. Isso em toda parte acontece.

Quem não se lembra dos primeiros ensaios da cinematographia norte-americana?

Timidos, incertos, cheios de defeitos foi o decurso do tempo, foram os ensinamentos da pratica, e da experiencia, a visão das realizações alheias que asseguraram o triumpho do film yankee que invadiu o mundo e o conquistou ao tempo em que a guerra desarticulara a industria similar européa, assegurando-lhe uma prosperidade que lhe permittiu o desenvolvimento actual, constituindo sua industria a terceira no valor dos capitaes empregados, na organização economica e industrial dos Estados Unidos.

Leiam-se os livros que tratam da materia, as memorias dos velhos tempos da Biograph, da L. K. O., da Kalem... Em todas ellas se encontra a affirmação de que foram os grandes films italianos, de reconstituição historica, marca Ambrosio, séries *ouro* e *diamante* que deram orientação, animo e impulso aos productores norte-americanos, abrindo-lhes os olhos ás possibilidades do cinema, até então tratado com muito pouco caso.

Veio Griffith e com elle algumas das maiores transformações por que passou o film.

O mais é da historia contemporanea.

Pense-se agora tambem nas possibilidades economicas dos Estados Unidos, comparando-as com as nossas, na differença da população, numero de centros grandes de povoamento, e especialmente nas facilidades technicas proporcionadas por uma industria que tudo póde realizar. Entre nós tudo está por fazer. Em materia de industria, nós ainda possuimos apenas as industrias parasitarias que vivem á custa das taxas alfandegarias; o meio é quasi sempre hostil a todas as iniciativas, e quando apesar de todos esses contratempos ha gente de coragem que se atreve a romper com a rotina e os preconceitos, não faltam os eternos derrotistas que proclamam logo a incapacidade nacional de realizar qualquer cousa que fuja á mediocridade ambiente. A industria brasileira e do film está vivendo agora o seu periodo mais critico talvez, porque engrandecidas, avultadas as suas possibilidades, com o apparelhamento que pela primeira vez possuimos no Studio da *Cinédia;* suas realizações tem que conquistar o mercado interno trabalhado pelo derrotismo dos máos patriotas e pelo interesse dos que, na morte da iniciativa nacional só, enxergam as vantagens que com isso continuará a auferir o film alienigena.

Se foramos dizer destas paginas, da série de pequenas villanias que sempre procuraram obstar o curso natural dos films nacionaes pelo territorio do paiz, seria um nunca acabar.

Mas tudo isso tem que passar, tudo tem que desapparecer.

E' mister que sejamos cégos de tudo para não enxergarmos no triumpho, na victoria do film nacional a maxima conquista para as nossas necessidades de propaganda interna e externa; um novo laço para a nossa união nacional que tantos factores trabalham diariamente para afrouxar um dos magnos cooperadores na tarefa sagrada de acabar com o cancro do analphabetismo que é o factor maximo do nosso atrazo.

Não é possivel que essa cegueira persista.

15 = OUTUBRO = 1930 =

ANNO V
NUMERO 242

CARMEN SANTOS

Recebemos duas cartas da "Sociedade Cinematographica de Amadores da Bahia":

A primeira de Arthur Machado Jr. Qualifica de "bella" a nossa nota, diz que a Sociedade de que é vice-presidente não póde ser confundida com outras de "ludibriadores da bôa fé publica" e reclama que o seu nome é Macedo em vez de Machado como foi publicado, devido aliás a nota d'*A Tarde* que o publicou truncado parecendo Machado em vez de Macedo.

Trata depois de uma resposta dada na nossa secção de "Pergunte-me outra" que nós mesmos não podemos saber se se refere á mesma sociedade.

Um leitor informava que uma escola de Cinema lhe pedia 20 mil réis mensaes e perguntava a nossa opinião que naturalmente não poderia ser outra. Um conselho para que della fugisse.

A segunda carta veiu assignada por Armando Lourival de Castro, primeiro secretario.

E' uma carta attenciosa, distincta e sympathica, pedindo-nos melhor attenção para a Sociedade que não é uma vulgar escola de Cinema, apenas achando o nosso commentario desairoso e terminando por declarar que a inauguração da séde foi uma festa com "muito chopp", que aliás lemos tambem na nota d'*A Tarde* de S. Salvador.

E *O Diario da Bahia* tambem commentou a nossa nota, qualificando-a "mal informada" "sem fundamento", "levada até para o lado indisfarçavel do ridiculo".

E aqui estão, resumidas, todas as respostas ao nosso commentario. Muito bem.

Não somos dos que não dão o braço a torcer. A "Sociedade Cinematographica de Amadores da Bahia" não é uma escola de Cinema. Nós, porém, apenas queremos deixar bem frisado, que embora mal informada que seja, a nossa nota foi mais sincera do que todas essas notas de formalidade que se publicaram nos jornaes bahianos: Como revista especializada e que tem como programma predilecto o Cinema do Brasil, tivemos maior interesse pela sociedade do que se julga. Será acreditavel que "Cinearte" não apoie uma iniciativa pelo Cinema do Brasil?

Mas os unicos informes de que dispunhamos, os jornaes bahianos falavam apenas de uma "sociedade", cuja séde foi inaugurada com muitos discursos, etc., mas nada se referiam á producção. Esperemos o tempo para consolidar a nossa opinião. Mesmo que a sociedade não chegue a terminar um film porque sabemos bem das difficuldades existentes como mesmo já trata a carta de Armando de Castro, nós acreditamos no momento em que o fim da sociedade é produzir films. Está, pois, *Cinearte*, ao seu lado.

E assim mesmo sem "chopp" damos o caso como terminado.

E aqui publicamos a relação dos actuaes directores fornecida pela sociedade:

INEMA

CRISETTA MORENO, em "EUFENIA"

MAZIL JUREMA e CLAUDIO CELSO

ALVARO SANTELMO e ALDA RIOS em "A TORMENTA"

Presidente: Antonio G. Barbosa — Chefe do Escriptorio de Commissões e Representacões que tem seu nome.

1° Secretario: Emmanuel Santos — Auxiliar do Commercio.

2° Secretario: Antonio Paulo Silva — Auxiliar do Commercio.

DIRECTORIA:

Presidente: João Silveira — Commerciante, proprietario da loja de modas "Loja Aracy".

Vice-Presidente: Arthur F. Machado Junior — Auxiliar de seu pae na firma Machado Soares & Cia.

1° Secretario: Armando L. Cas-

DO BRASIL

tro — Funccionario Publico estadoal, 1° Secretario do C. N. R. S. Salvador.

2.° Secretario: José Adelino F. Pereira — Auxiliar do Commercio.

Thesoureiro: Fidelcino V. Assumpção — Commerciante, proprietario do "Armarinho Brasil".

Orador: Eduardo Brow — Jornalista.

Commissão Fiscal: Milton Figueiredo — Auxiliar na Joalheria de seu pae; Mario R. Pereira, Funccionario da Cia. L. Circular; Moysés Flomin, Commerciante.

Benito Perojo está novamente em Sevilha, filmando "L'ensorcellement de Seville", tirado do romance hespanhol de Carlos Reyles. Cerca de dezeseis mil pessôas assistiram ás "corridas", no dia em que foram tomadas varias scenas.

卐

RAUL SCHNOOR e MARIO PEIXOTO na estação de Mangaratiba no dia em que Taciana Rei voltou para o Rio

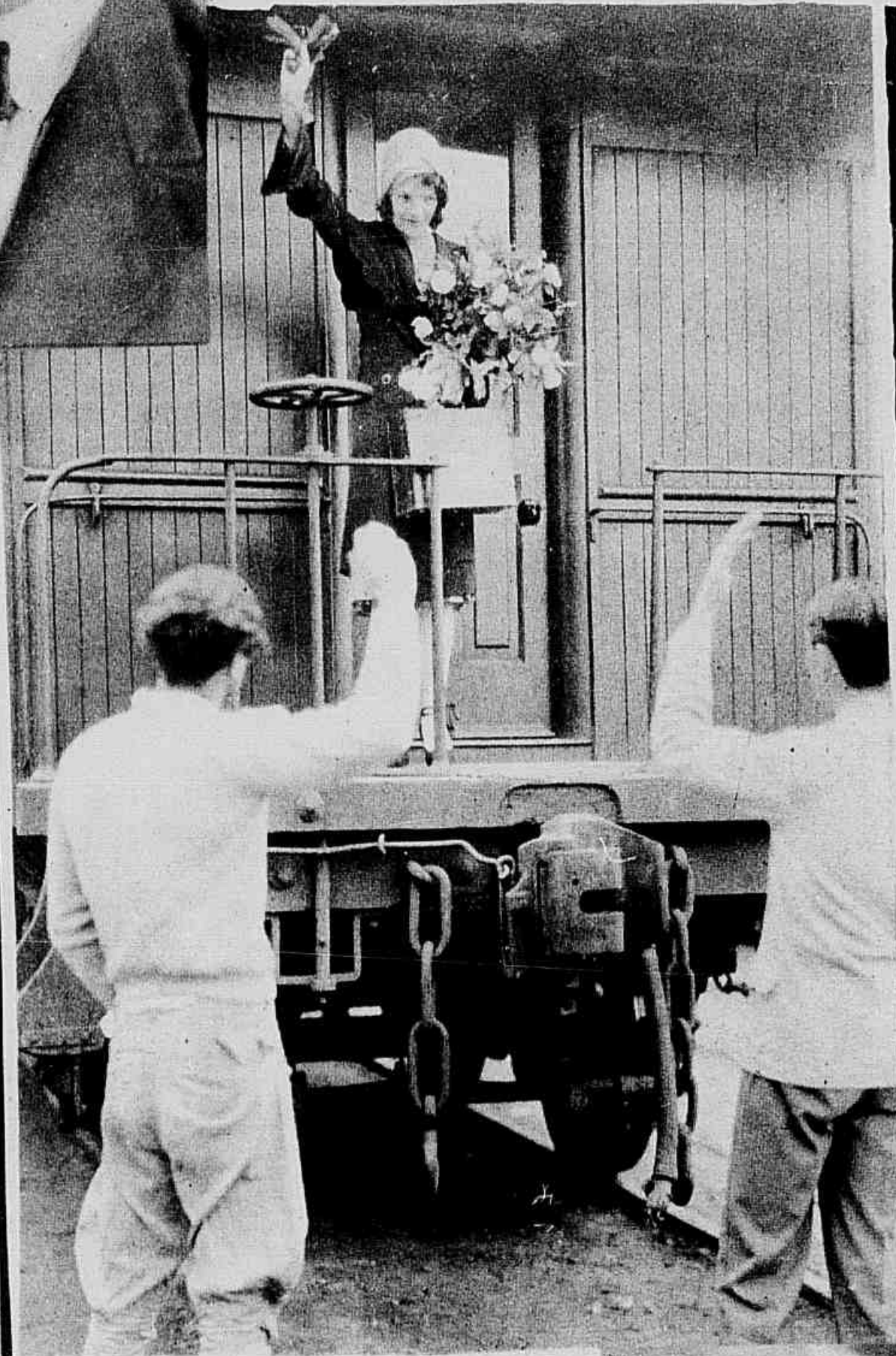
Titayna, acompanhada do seu operador Jimmy Berlia partiram para o Mexico, onde vão filmar scenas de "Chatial le Maya".

Charles de Rochefort, depois de ter dirigido "Une femme a menti" e "Le secret du docteur", voltou a trabalhar como artista no film "Le retour de Sherlock Holmes".

卐

"Marius", de Marcel Pagnol, vae ser adaptada para o Cinema.

卐

Monty Banks está em Paris.

Henry Stork, fundador do Cine-Club de Ostende, (Belgica), produziu um film instructivo, sobre o serviço belga de salvamento maritimo

卐

Moussia, conhecida dansarina de Paris, não é só artista de Cinema, como tambem "scenarista" E' de sua autoria o "scenario" de "Elle veut faire de cinéma".

卐

Maurice Tourneur tomou o compromisso de dirigir "Partir", uma adaptação do romance de Roland Dorgelès. Esta producção terá apenas uma versão franceza.

卐

William Delafontaine está preparando um film falado e sonoro — "La soif"

卐

Brigitte Helm está actualmente em Londres trabalhando num film.

RAUL SCHNOOR numa scena de "LIMITE".

LABIOS SEM

Papeis voando. Toldos descendo. Chapéos mal seguros arrancados pelo vento. Correrias para tomar bonde. Primeiros pingos. Chuva, finalmente!!!

E dentro daquelle escriptorio, outra tempestade.

— Menina sem juizo, é o que você é!

Depois de uma phrase, outra.

— Sem juizo e atrevida!

E ella, apparentando indifferentismo, lendo, pacatamente, sentada numa poltrona. Depois ella se cançou de ouvir. Ergueu-se, violentamente e tambem disse.

— Ora, titio, o senhor não comprehende nada disso, porque o senhor é do tempo de D. João Canudo!!!

Já não resistia mais aquelle ambiente. Era preciso que ella não fosse Lelita, 22 annos nervosos e ardentes e que elle não fosse o tio Rosario, velho bonachão e *camarada*...

A primeira faisca apaziguou tudo. Ella atirou-se aos braços do tio. Para depois se afastar, encabulada, como se houvesse commettido um peccado... Recomeçaram a discutir. Tornaram a repizar os conselhos que elle dava e ella não recebia com bons modos e, finalmente, ella se retirou, num arranco.

—oOo—

— Foi tudo uma aventura!!!

— Meu bem...

Era outra discussão. Tempo de chuva, com raios, trovões, etc., dá tanta vontade de discutir...

Tamar e Paulo. Ella tinha sido a sua ultima aventura. Menina deixada no canto peor da vida, levava-a entre sorrisos quando preferia ás vezes chorar... Paulo, no seu coração, occupava lugar maior do que elle pensava. Mas, violento e moço, Paulo não a supportava mais. O que para ella talvez fosse um amor, para elle não ia além de uma aventura...

Cresceu a discussão. Quando ella lhe disse a ultima ironia, elle bateu a porta atraz de si e desceu violentamente as escadas daquelle appartamento.

—oOo—

Chovia. Correndo, de lados oppostos, ambos entraram para o mesmo taxi, Lelita e Paulo.

Olharam-se. Esperaram, ambos, que aquillo se resolvesse. Depois falaram. Era a terceira discussão...

— Cavalheiro, não seja impertinente, saia do *meu* taxi!!!

— Mas, senhorita, fui eu que o tomou primeiro...

Proseguiu a discussão. Terrivel, enervante, até que Paulo, já se interessando por aquillo e vendo nos olhos rasgados de Lelita uma promessa de sympathia, resolveu sahir.

—oOo—

Em casa, minutos depois, Lelita abraçava D. Perpetua, uma tia solteirona conselheira até á ultima phrase e contou á sua priminha Didi, uma menina simples e delicada, o incidente.

— Imagine que audacioso!!!

D. Perpetua ouvia aquillo tudo. Depois de ouvir, falou. Conselhos e mais conselhos. Leis do melhor modo de andar na rua e regras de como afastar um atrevido...

Melhorára a chuva. D. Perpetua ia reti-

Producção da *Cinédia*, 1930

LELITA ROSA ... *Lelita*
Paulo Morano ... *Paulo*
Divi Viana ... *Didi*
Tamar Moema ... *Tamar*
Gina Cavallieri ... *Gina*
Augusta Guimarães ... *D. Perpetua*
Alfredo Rosario ... *Tio Rosario*
e Decio Murillo, Maximo Serrano, Celso Montenegro, Carmen Violeta, Lêda Léa, Ivan Villar, Renato Oliveira

Director: — HUMBERTO MAURO

Beijos

rar-se. Quando o ia fazendo, Lelita recebeu uma telephonada. Era da Gina, uma das suas amiginhas modernas e levada da bréca...

Didi, quando a chamou ao telephone, disse-lhe, entre sentida e triste.

— Lelita! Titio tanto que lhe pede que deixe essas amisades...

Mas era inutil. Conversou-se pelo telephone e combinou-se a proxima festa. Seria no appartamento de Gina e a ella compareceriam diversos e diversas, cada qual mais disposto...

—oOo—

Na festa, emquanto se dansava, Lelita encontrou-se outra vez com Paulo. Elle vinha sahindo em companhia de

uma pequena, pelo jardim, quando se encontrou com ella. Houve um olhar de surpresa. Uma zanga no primeiro sorriso morto de Lelita e, depois, um sorriso irreprimivel. O incidente do automovel, afinal, fôra tão engraçado...

Minutos depois, deixando seu par nos braços de outro, elle voltou ao jardim. Queria falar de novo com Lelita. Ali, sozinha, naquella festa que a Gina offerecera... Que pequena! Depois, analysara-a em dois segundos na sua technica infallivel: morena com pretenções a geniosa... Combinou seus

planos de ataque. Proximo a um caramanchão florido, cercou-a com seus braços de ferro. Pediu-lhe o beijo que queria furtar. Furtou-o, roçando seus labios pelo rosto della, quando viu que era inutil e já com seu numero de telephone annotado no caderninho particular, deixou que ella se fosse...

—oOo—

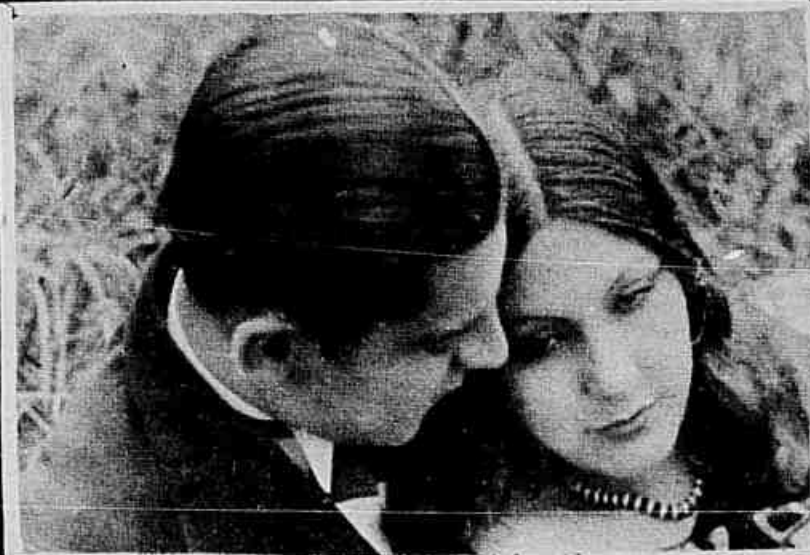
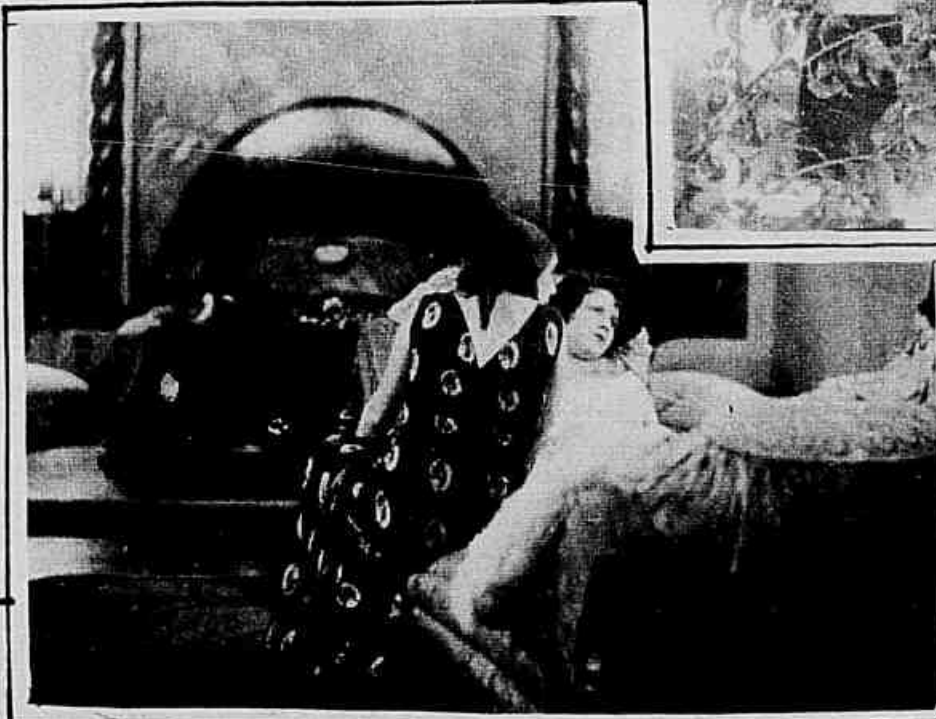
Uma ousadia... Duas... Em 1930 é signal de namoro... Paulo e Lelita passaram a se encontrar. Na companhia de Gina, sempre, foram a uma praia. Lá, entre momentos de alegria, contavam,

nos olhares e nos sorrisos, toda a attracção que sentiam, um pelo outro. Ella o achava extremamente sympathico. Ousado e forte como sempre sonhára encontrar, na vida, um homem que a quizessem bem. E elle, vendo-a, devorava-a. Devorando-a, olhos em brazas, cada vez mais sentia a paixão crescer-lhe alma a dentro...

Combinaram tudo. Diriam que havia uma festa em casa de fulana de tal e... iriam passear, sozinhos, pela primeira vez...

—oOo—

Foi o que se deu. Depois de percorrerem, naquella noite cheia de perfume e de romance, os lugares mais bonitos, deixaram-se ficar ao lado daquella vegetação de perfume acre e excitante que mais ainda embebia suas almas em profundo extase...

Sem se falarem, apenas sussurrando palavras de amor, beijaram-se. Lelita entregou-se aos beijos de fogo de Paulo, porque já o amava mais do que tudo que já tinha amado, na vida e Paulo, beijando-a, sentia que ella era differente e que a queria só para si... Foram carinhos immensos e beijos sem fim.

—oOo—

Quando Lelita chegou em casa, alma perturbada de poesia. Coração transbordando de paixão. Sangue cheio de amor, encontrou sobre a *chaise longue*, em choro convulso, sua priminha Didi. Attribuindo aquillo a uma infantilidade qualquer de criança que quer ser mulher, avizinhou-se della. Sentou-se ao seu lado e como estava carinhosa e querendo fazer bem a todos e a tudo, só porque sabia que o seu Paulo a queria bem e que ella tambem o amava intensamente, perguntou-lhe, num quasi sorriso o que é que a affligia.

Entre lagrimas, já não podendo mais reter seu segredo, Didi lhe contou tudo. Que o conhecera, que o amára, que lhe entregára todo seu coração e toda sua alma. E que depois, um dia, quando confiou nelle, demasiadamente, viu que elle partira sem siquer uma palavra lhe dizer. — ... e agora, Lelita?... Se titio souber?... O que eu hei de fazer, meu Deus?!...

Era a suprema ansia. Saberiam, todos, fatalmente e ella não sabia como explicar...

Lelita, que a ouvia, quiz saber-lhe o nome.

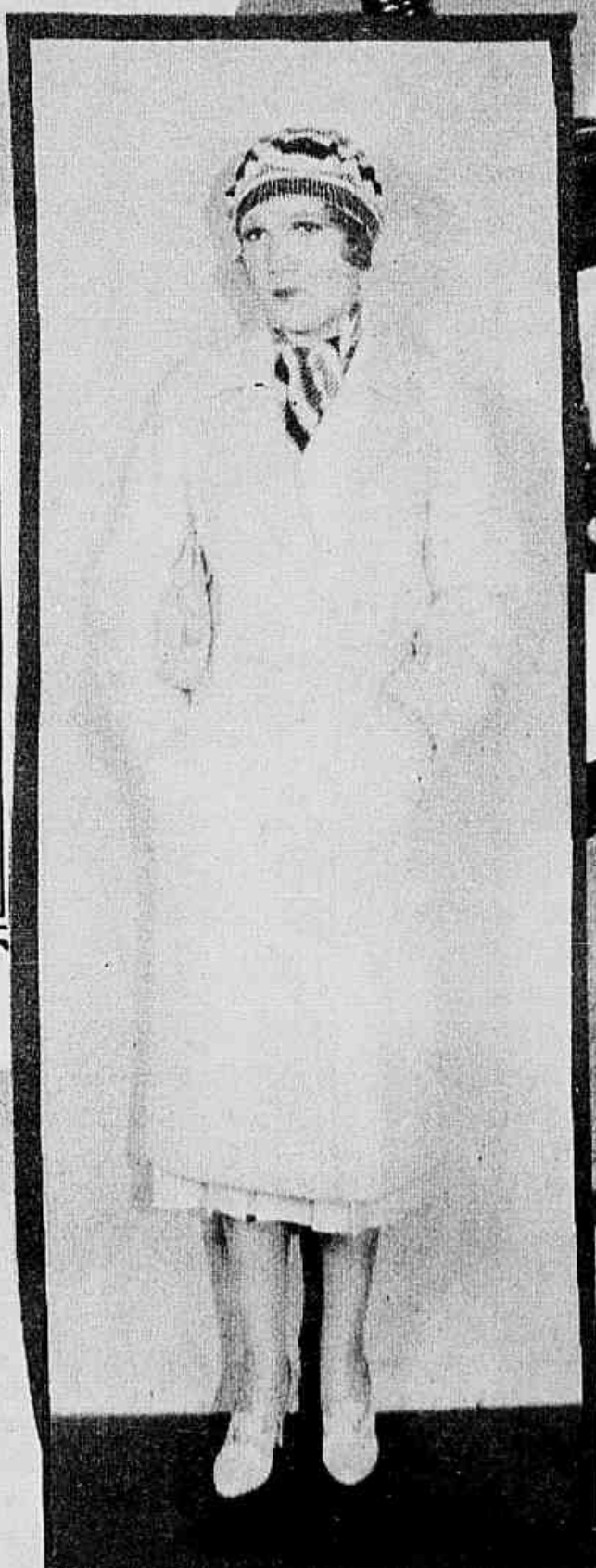
— Mas quem foi? Como se chama elle?

Ella relutou. Depois, não poude mais. Leu, nos olhos de Lelita, a amisade profunda que ella lhe dedicava. E contou.

(Termina no fim do numero).

Vivienne Segal...

Agora, vestiu-se e comprou uma boina...

Onde está ANNA Q. NILSSON?...

Existem uns versos de Grant Rice que tivemos até a paciencia de collar em nosso "scrap book", porque representam pensamentos admiraveis e idéas estupendas, que dizem bem alto do valôr de uma pessôa que sabe resistir plenamente aos ataques das desgraças.

Se Grant Rice conhecesse Anna Q. Nilsson, diriamos que elle havia escripto os mesmos para ella ao envez de os escrever para os athletas desanimados aos quaes os dedicou. Jamais os leio, mesmo, sem que me lembre, logo, de Anna Q. Nilsson. Aquí vão elles: — (conservamos no original, porque a traducção por melhor que seja, tira o sabôr dos mesmos).

— I have learned something worth far more
Than victory brings to men,
Battered and beaten, bruised and sore,
I can still come back again.
Crowded back in the hard, fast race,
I've found that I have the heart
To look rank failure in the face
And train for another start.

Winners who waer the victor's wreath,
Looking for softer ways,
Watch for my blade as it leaves its sheath,
Sharpened on harder days;
Trained upon pain and punishment,
I've groped my way through the night,
But the flag still flies from my battle tent,
And I've only begun to fight.

A vida nos põe em contacto com muita gente Se aprendermos um pouco de tolerancia, de bondade, deixaremos, então, de julgar ou de atacar qualquer pessôa sem uma solida razão para o fazer. No emtanto, de quando em quando, surge uma pessôa, defronte aos nossos olhos, que merece, pelos seus actos e pelas suas palavras, o tributo incondicional da nossa admiração. E quando pensamos nella, o nosso coração pulsa com maior enthusiasmo e uma nova esperança, e o nosso espirito, tambem, sente-se possuido de um profundo espirito de belleza e poesia. E, francamente, ao lado dos seus soffrimentos e das suas virtudes, nos sentimos envergonhados e pequeninos como se fossemos reaes pigmeus.

O que mais pensamos, neste caso, e, principalmente, o que mais admiramos, nisto, é a coragem que mantem serena e doce uma face que tem toda a liberdade de se contrahir pelo excesso de desapontamento que lhe tem trazido a vida, tal como: ambições derribadas, sonhos partidos. E' talvez em Hollywood que mais dura e mais penosa ainda se torne essa jornada da vida que acabamos de expôr. Anna Q. Nilsson, por isso tudo que acabamos de dizer, é uma verdadeira inspiração, um verdadeiro symbolo. Hollywood vê, no rosto de Anna Q. Nilsson, as marcas profundas de todos os fracassos que a brutalizaram. E, ainda agora, apesar de tudo, ella ainda o fará ver que, a despeito de soffrimentos e castigos, ella ainda se está preparando para um regresso á arte que foi toda a sua vida.

Ella sempre sorri. Os seus sorrisos, são innumeros. Mas é o sorriso de uma martyr. O sorriso daquella que inveja a vida. O sorriso que supplica a piedade. O sorriso de Anna Q. Nilsson é real, quente e natural como o proprio sol. Porque, antes de mais nada, aprende, na noite immensa dos seus soffrimentos, a resgatar todas as suas faltas e a ter coragem para tentar novamente a vida.

E' por isso mesmo que aquella sua sala branca e pequena de hospital, aonde se acha ha mais de cinco mezes, tem sido o refugio obrigatorio de muita "estrella" desanimada... Ali, naquelle quasi sanctuario, muitos têm sido os homens que têm ganho uma nova coragem na vida. Ninguem, cremos, poderá olhar para Anna Q. Nilsson, ali, sorrindo, sempre sorrindo, depois de tudo que passou nestes ultimos annos, sem se animar e sem se sentir com mais coragem para a lucta.

O quarto, todo elle, illumina-se com as flôres novas que sempre o enfeitam. Livros novos e magazines recentes ali se acham esparsos. Um radio, a pouca distancia, traz-lhe aos ouvidos as novas melodias de George Olsen e sua orchestra ou as demais novidades do mundo todo. Tudo quanto de elegante foi possivel arranjar para enfeitar aquelle recinto, Anna Q. Nilsson procurou conseguir. Quiz transformar em lar um quarto de hospital, muitas vezes cercado de gemidos e gritos, mesmo...

O "peignoir" que cobria seus hombros era lindo. Seu antigo cabelleireiro, duas vezes por semana, enfeita-a o mais que póde. Não abandona sua caixa de pó de arroz e, muito menos, o seu "baton" de perfume favorito.

Póde ser, mesmo, que estas cousas sôem como allivios. Para isto é que são feitas. Mas têm custado muitos esforços e muitos sacrificios.

Ha longos mezes que Anna tem, dos tornozellos á cintura uma fôrma. Um instrumento de tortura que, apesar de todos os allivios possiveis a proporcionar, sempre é uma cousa terrivel de se supportar. Quando ella quer lêr, o livro é collocado numa pequenina estante portatil, sobre sua cama. E, para conservar animado seu espirito é que ella tem realizado essas reformas e essas transformações naquelle quarto de hospital. Quiz afugentar a monotonia com o perfume dos seus cabellos e com os mais animados dos seus sorrisos.

Quando alguem vae visitar Anna Nilsson, faz uma visita rara, póde dizer. Sim, porque não voltará irritado, nem desanimado com perguntas que tragam o lado peor da vida á baila. Ella não permitte taes conversas. Ninguem, até agora, ouviu um gemido que seja dos seus labios. Ella, até agora, não fraquejou. Nas suas maneiras, nos seus sorrisos, nas suas palavras, não existe um signal, uma phrase, uma entoação da voz, ao menos, que denunciem o quanto ella tem soffrido. Nem, muito menos, um justificavel "que" de irritação. Esperanças perdidas, ella não as tem, ao contrario, sente-se cada vez mais animada. E espera, paciente, o dia da proxima operação que tem que fazer, uma operação serissima e gravissima que poderá fazel-a andar, novamente e poderá matal-a, igualmente.

Naturalmente, quando se entra em seu quarto, pergunta-se quasi automaticamente, como está ella e como tem passado. A resposta é a mesma: "Muito bem! Tudo vae indo magnificamente! Sinto-me feliz, creia. Agora, sente-se aqui e conte-me tudo quanto se passou durante o casamento de Bebe. Ella aqui esteve na noite da vespera, com Ben e eu não me lembro de jamais ter visto alguem tão radiosamente bella!"

E a conversa, por horas, prolonga-se. Ella lhe contará tudo quanto as outras visitas lhe contaram. Anecdotas engraçadas, um pouco do eterno "escandalo" de Hollywood. Discutem-se os livros novos e os seus respectivos valores literarios e filmaticos. Depois a conversa passa-se para o terreno das fitas. Finalmente sobre a chegada de mais um artista de palco para as fitas de Hollywood e commentarios sobre isto e aquillo que interessa sempre a colonia. Algumas vezes, mesmo, conversará ella sobre a gentileza ou a bondade de algum amigo velho.

A apreciação que faz sobre tudo que a circumda, sobre as visitas que lhe fazem e sobre a delicadeza com que a têm tratado todas as visitas. Visitas, ainda, de homens de negocios, de Hollywood. Tudo aquillo ella commenta espontaneamente. Ella se sente feliz vendo que ninguem a esquece e que todos della se lembram, visitando-a.

Nós não nos sentimos deliciados. Visitar Anna Q. Nilsson, para nós, não é um dever. E' um privilegio.

Ha tres annos passados, mais ou menos, deu-se o accidente que a victimou, estupidamente, desastradamente. Em locação nas montanhas, Anna Nilsson, uma esplendida cavalleira, aliás, sahiu para um passeio. Approximando-se de uma encruzilhada á beira de uma montanha, assustou-se repentinamente o cavallo e atirou-a ao solo. Assustando-se, voltou-se e pisou-a, brutalmente, sobre os quadris e sobre as pernas.

— Se soubesse o que disse em suéco áquelle cavallo!!!

Disse-nos ella, sorrindo, certa vez.

Partiram-se diversos ossos dos quadris e das pernas, em caracter gravissimo, isto 4 dias antes de a collocarem num hospital de Los Angeles para receber um tratamento adequado á circumstancia e, desde então, pela inflammação terrivel em que se achava o logar pisado, pelos seus 4 dias de intermedio, tornou-se difficilimo o tratamento da mesma. Agora, os melhores operadores da California, especialistas, operaram-na e religaram os ossos que se haviam juntado erradamente, tendo, para tanto, sido necessario partil-os, novamente, sem que Anna pudesse ter sido chloroformizada. E, por isso, têm-na conservado, depois da operação, encaixada numa fôrma de gesso, sem poder se mover até que se approxime o tempo de a tirarem dali e lhe dizerem se, afinal, poderá andar ou terá que se contentar em ser aleijada para o resto de sua vida.

Tres annos de hospital. Partindo e partindo de novo os seus miseros ossos e, até agora, solução apreciavel alguma! Capacetes pesadissimos de aço e fôrmas durissimas de metal. Tudo tem ella soffrido em silencio! Ha tres annos, afinal, que ella, que sempre foi tão alegre, nada mais tem feito do que se mover lentamente na sua pobre cadeira de braços, pesadissima. Tres annos de lutas terriveis e dolorosas...

Quando se deu este facto, Anna era das artistas mais em evidencia no Cinema. Ella, aliás, sempre

(*Termina no fim do numero*)

O Julgamento do Cinema Fallado

CAUSA: — *O assassinato da comedia de pastelão.*
RÉO: — *O Cinema falado.*
ACCUSADOR: — *MACK SENNETT.*

O accusador: Venho a presença do respeitavel publico, para fazer a accusação contra o Cinema falado, assassino das comedias de pastelão, ou sejam, as farças em dois actos, exaggeradas mas sinceras e engraçadas, que eu fazia ha tempos e que, agora, com este novo modelo de Cinema, não posso fazer.

Quero ser justo, nesta questão e vou procurar o methodo seguro de o ser.

O Cinema falado encontrou-se com a comedia de pastelão, desprevenida e matou-a. E sabemos, perfeitamente, que não foi justiça alguma este assassinato. O Cinema falado tirou, dessas comedias, toda a vitalidade, toda a acção. E' logico, tambem, que aqui surjam pessoas que digam: "e que acção!". Referindo-se, com certeza, aos pastelões que os seus interpretes atiravam uns nos outros, os tombos que levavam e os trambolhões que arrastavam os *heróes* pela fita toda. Não digo que, de facto, não seja esta *acção* tola. Mas fui eu que a creei e eu que, com ella, venci mil obstaculos e ganhei as risadas satisfeitas do mundo todo. Além disso, ellas eram *fitas de acção* e, naquelle tempo, o Cinema *andava* e não se limitava a falar...

Deste meu terreno de farças é que surgiram formidaveis personalidades da téla. Antes de todos, o genio universalmente conhecido que é Charles Chaplin. Depois, a infortunada Mabel Normand. Harry Langdon, Gloria Swanson, Wallace Beery, Phyllis Haver, Marie Prevost e muitos outros. As comedias de pastelão foram os verdadeiros paes destes hoje formidaveis astros e estrellas. E a razão? Simplesmente esta: eram, aquellas farças, genuinas diversões, sãs, honestas e rapidas. Nada tinham de artisticas, mas, no genero, ninguem me dirá que não eram obras de arte. O mundo ria-se fartamente com ellas. E os artistas que a deixaram, alguns, soffreram profundamente com isso. Harry Langdon, depois que a deixou por uma sorte de comedia mais fina, fracassou, nós todos os sabemos... Charles Chaplin, de uma para outra comedia, permitte que se passem dois annos!

Muitas vezes, durante minhas noites, entro em um Cinema e fico espreitando as novas modalidades de comedias de pastelão, atravez o novo *medium:* Cinema falado. E, ao mesmo tempo, vejo como se esqueceram, rapidamente, do quanto haviam aprehendido em annos e annos de exercicios... Antigamente, a formula era: — acção, rapidez e divertimento. Antes, por ultimo e no meio da fita toda.

Temo, seriamente, que tudo isto tenha ido por agua abaixo. Não é o caso, agora, chorar a morte da comedia de pastelão. Ella já se foi e é um caso liquido, portanto. Não é possivel reconstituil-a, mesmo. Eu, por mim, fico contente que isto se tenha dado, afinal. Aquelle que quer combater o inevitavel, meus Senhores, é um tolo tão tolo quanto aquelle que atira um pastelão... E' uma lei não escripta que vigora, surdamente. A farça de antigamente, morreu. O sophisma, na acção e nas palavras substitue, hoje, a antiga comedia simples, honesta e sã. Vamos analysar, rapidamente, o que é o assassino e qual é o seu caso.

A unica cousa que redime este novo genero de comedias, é que é uma diversão para adultos. As risadas dos Cinemas, portanto, não são mais provaveis para o simples e ingenuo rir da criança. Falando como productor que sou, chego facilmente á este resultado. E' muito mais facil, afinal, fazer um homem dizer uma cousa engraçada do que fazer uma cousa engraçada. Existem poucas situações realmente engraçadas, na pantomima. Mas o campo da fala é illimitado! Ha pouco produzi diversos trabalhos que são, na opinião, divertimentos engraçados, baseados em themas de actualidades: diéta, golf, quadrilhas perigosas e aeroplanos. A comedia de pastelão, cuja alma esteja em bom lugar, não era tão flexivel. A comedia moderna, cheia de malicia e sophisma, tem os seguintes predicados: variedade, dialogos, novidade...

O maior erro da comedia actual, é a sua attitude parada, sem movimentos, quasi, para o tempo commum da comedia. E, além disso, seguem demasiadamente rente as pegadas do commum *vaudeville* theatral. Quando alguem, muito intelligente, conseguir combinar a acção intensa de uma fita silenciosa com o sophisma bem disfarçado de um dialogo são e bem feito, esse alguem terá conseguido o maior successo e as maiores risadas da epocha. Mas... haverá esse alguem?...

O novo genero, além disso, não nos tem dado comediantes formidaveis quanto os de antigamente. Aonde estão os Harry Langdons, as Mabel Normands, os Charles Chaplins, os Roscoe Arbuckles?... Quaes são os dialogos que nos façam rir tanto quanto apenas faziam os simples sapatões velhos de Carlito? Ou o engraçadissimo andar de pato de Chico Boia?... Ou o sorriso ingenuo e formidavel de Harry Langdon?...

Mack Sennett, Ann Christy e Daphne Pollard

Em lugar disto, encontramos artistas dramaticos incumbidos de recitar os dialogos de uma comedia e vice versa... O maior escriptor de dialogos do mundo jamais poderá cousas engraçadas, se aquelle que as disser não for engraçado.

Não digo, com isto, que é impossivel ao Cinema falado fornecer um grande comediante. Digo, apenas, que até agora elle não appareceu. Pode mesmo ser que, para o proximo futuro, appareça um homemzinho que vença tudo isso, porque seja, antes de tudo, engraçado e divertido... Pode ser, mesmo, que tenha recursos vocaes formidaveis e irresistiveis. E, seja elle quem fôr, torne-se, por direito, o maior comico do Cinema falado. Não duvido, um só instante, que elle appareça. No emtanto, por maior que elle seja, não chegará aos sapatões velhos de Carlito ou aos oculos de Harold Lloyd...

O que peço, ainda, é que cesse essa insania que anda, por ahi, fazendo toda a sorte de disparates e atirando ás mesmas a pecha de *comedias de pastelão*. Isto não é verdade! E eu melhor do que ninguem posso dizer, porque já fiz as melhores, desse genero e, agora, tenho que seguir a norma do Cinema falado e tambem concorrer com as cretinices que se produzem hoje em dia...

— O — O — O — O — O — O — O —

Cavalier of the Streets, de Michael Arlen, será a proxima historia que Maurice Chevalier filmará para a Paramount. Jeanie Mac Pherson, scenarista de De Mille, fará o *scenario.*

卍

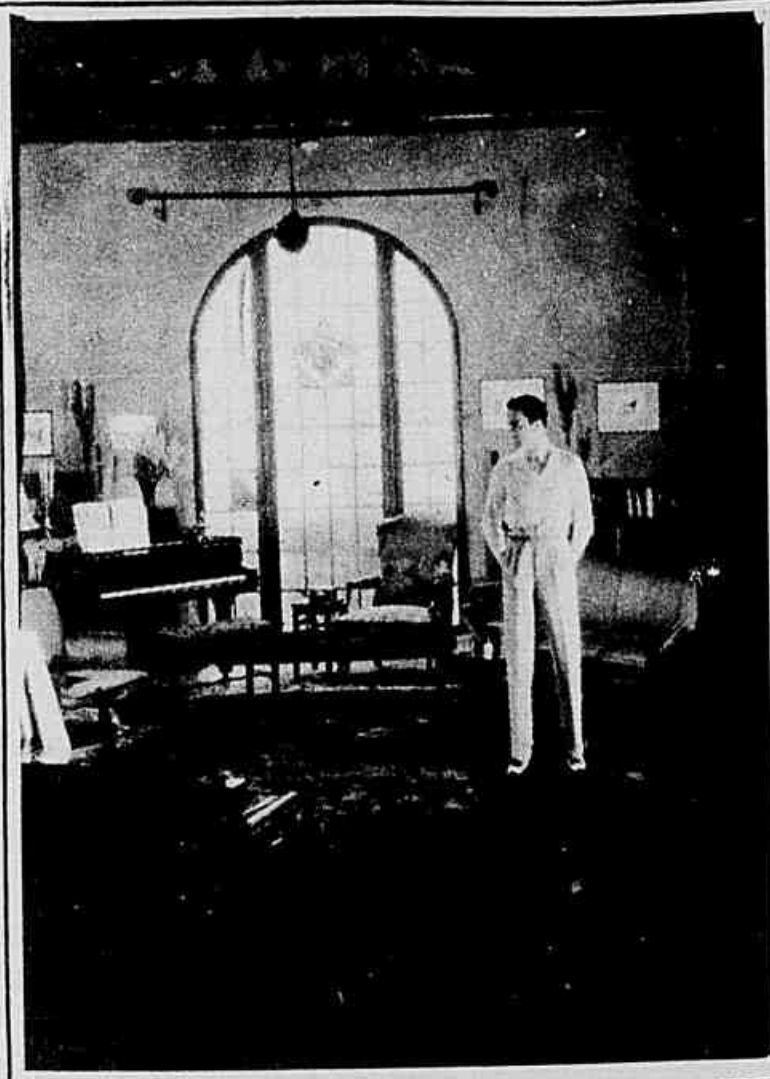
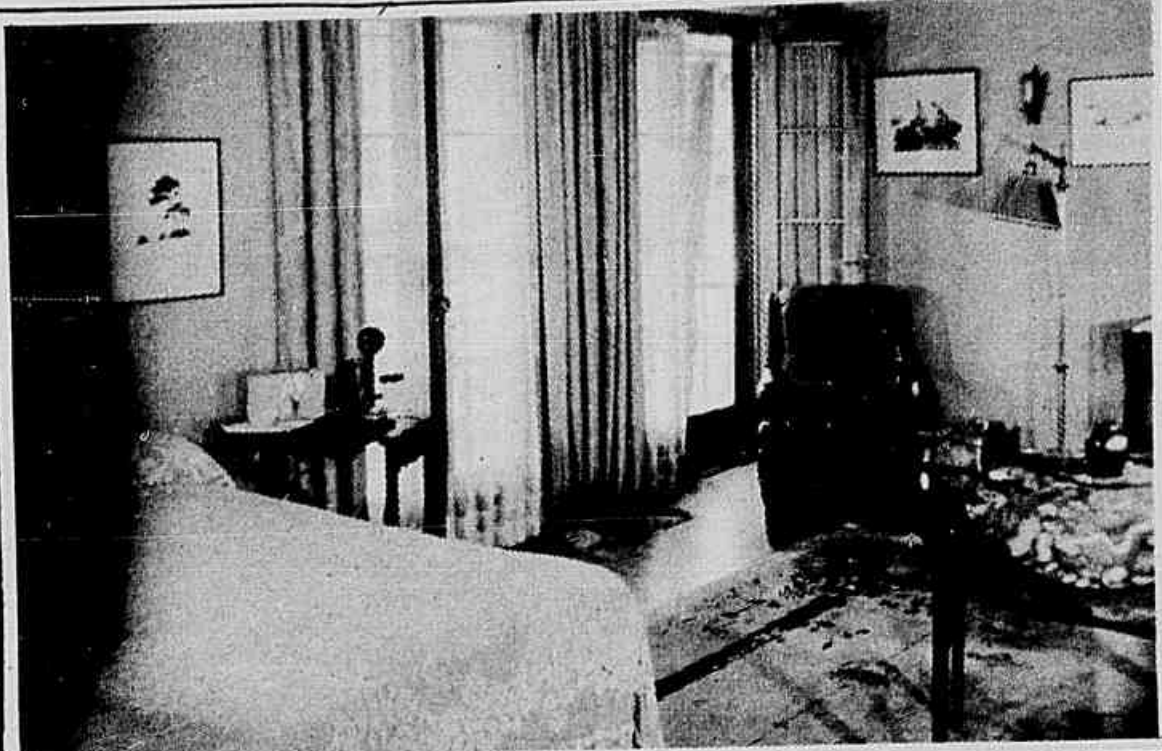
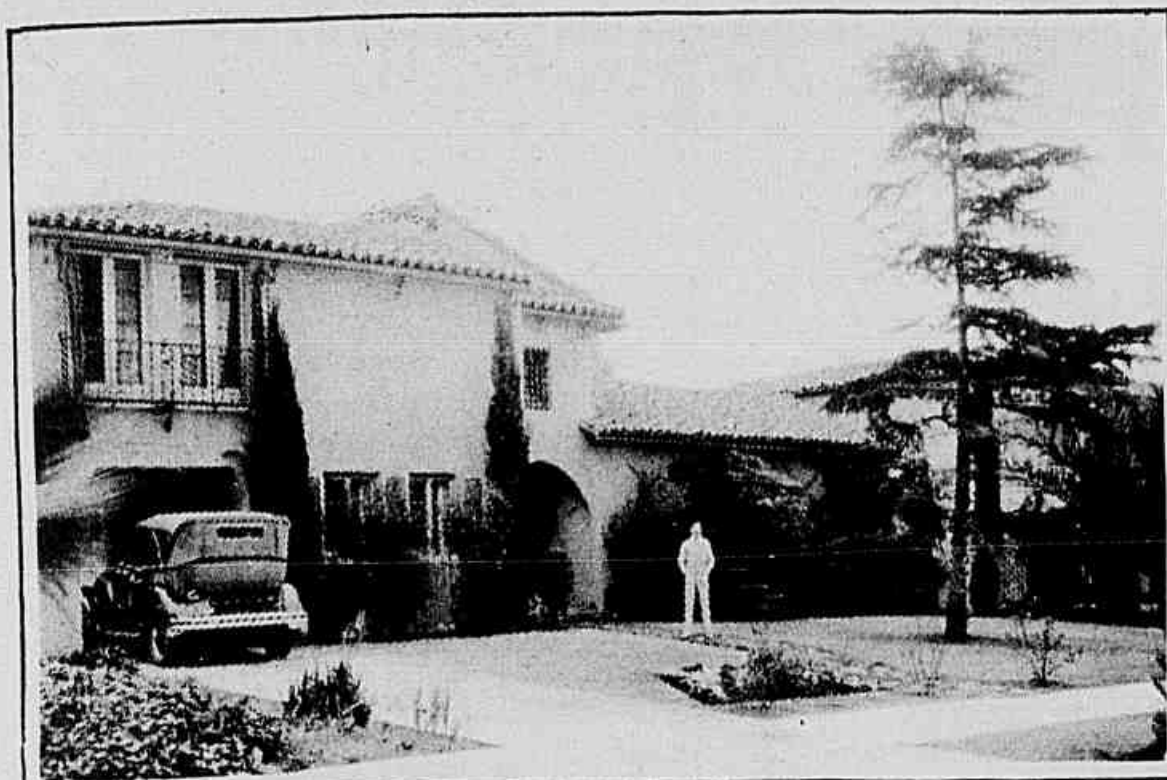
The Dawn Patrol, que a First National produziu, tem dado mais dores de cabeça aos seus productores, do que nada. A Caddo, a Tiffany, a Paramount e outras fabricas, cahiram em cima da mesma fita, com acção de *piratagem*, allegando que a dita First avançara em diversas fitas de aviação, taes como *Hell's Angels*, *Wings*, *Journey's End* e outros, para fazer a sua, tambem. No emtanto, tudo está correndo nos juizos de Los Angeles, sendo que o caso com a Caddo é mais serio, porque está provado que houve um desvio deshonesto de idéas para a dita fita, feito por empregados da Caddo, ex-empregados da Warner-First, que assim agiram com manifesta má fé. E' por essas e outras que Will Hays tem uma organização necessaria á industria. Se elle não existisse, o governo americano não teria feito o lucro que faz com a sua exportação de fitas, porque a industria não existiria, mesmo.

卍

Thornton Freeland, director da United Artists, acaba de se casar com June Clyde, artista da R. K. O.

King Vidor teve o seu contracto renovado pela M. G. M., por mais 5 annos. Elle iniciará, logo depois de Lawrence Tibbett terminar *New Moon*, a fita *The Southerner*, tendo o barytono com principal figura. Esta fita era para ser dirigida por Clarence Brown. Mas como este vae dirigir a proxima de Greta Garbo, baseada na vida da bailarina Mata Hari, fuzilada pelos francezes, durante a guerra, teve King Vidor que assumir a direcção da fita de Tibbett. Vamos ver se elle vae cantar e representar como em *Amor de Zingaro*, com a direcção de King Vidor...

卍

Richard Arlen, ultimamente, anda em grande procura. A Paramount já o annuncia como figura principal da edição falada de *North of 36* que vae fazer e a Columbia já o pede emprestado para o principal papel de *The Criminal Code*.

Como vive Charles Rogers Vive assim...

Sua casa, seu irmão, seus paes, seus livros e o seu bom gosto...

MESSIAS OU AMEAÇA?

E' o titulo de um artigo que, sobre Eisenstein, o director de *Potemkin*, *10 dias que abalaram o Mundo*, *Velho e Novo* e mais films deste quilate. Achamos opportuno traduzil-o, para conhecer mais de perto novas idéas deste homem que interessa tanto os circulos intellectuaes de Cinema de todos os Paizes.

Aqui está o que diz Dorothy Calhoun da conversa que manteve com o director da Russia.

Messias para os Estados Unidos do Soviet Russo e "ameaça" para os Estados Unidos da America do Norte, Sergei M. Eisenstein é, para seu espelho, um homem baixo, rechonchudo, com 32 annos de idade, cabellos selvagens, apropriadamente vermelhos...

Descoberto no Studio da Paramount, aonde se achava em profunda e profusa leitura de argumentos para a sua primeira fita americana, explodiu elle em epigramas (graças a Deus não em bombas!). Tem juizo, sim e póde ser, mesmo, que tenha mais juizo do que eu ou você, leitor amigo... E' realmente uma figura interessante: magnetico, dynamico, descortinador de horizontes futuros e sensivel ao extremo.

Nelle, não ha nada das tenebrosas personagens de Tolstoi. Elle é um russo sorridente — o novo russo, segundo elle proprio nos disse, o russo de "depois" da revolução, mais achegado ao progresso e mais interessado em tractores do que no destino, mais parecido com os americanos do que com as pessoas que põe nas suas fitas.

— Sómente na America do Norte e na Russia existem, ainda, cousas importantes para se fazer pelo Cinema.

Disse-nos elle e proseguio.

— Chamem minhas fitas: *"Velho e Novo, 10 dias que abalaram o Mundo"*, propaganda, se quizerem. Mas o que chamam de propaganda, nada mais é do que uma idéa, uma idéa tão pujante que precisa de uma forma artistica para expandir. O "Inferno" de Dante, nada mais foi, para a sua época, do que propaganda politica contra os seus inimigos de partido. Muitas das obras de arte do mundo, nascem na propaganda. Os Americanos, no emtanto, empregam esta palavra como se a temessem!

— Na Russia, a producção de fitas está sujeita á supervisão do Departamento Educativo, como deveria estar, mesmo. Correctamente, aliás, o Soviet reconhece o Cinema como a cousa maior e mais importante para a educação e expressão de sentimentos aos povos. Aqui é que não se sabe o quanto é formidavel a força que têm nas mãos! Do Cinema, usam, aqui, apenas a parte menos importante. Fazem uso do Cinema, como se fosse uma metralhadora empregada para matar borboletas... Não ha nada que se possa comparar ao Cinema, nada! (O Brasil é que é o paiz mais precizado de Cinema).

— Na Russia, estamos formando um novo mundo, com o auxilio do Cinema. Nossos camponezes, muitos delles, não sabem ler e nem escrever. Mas sabem comprehender uma fita. E se lhes é caro o pão e a carne e os sapatos que calçam, facilita-lhes o governo os meios para se divertirem. Nas aldeias, as fitas têm exhibição gratuita. Nas cidades, existem casas de preços infimos, quasi, para os operarios e ninguem, assim, fica sem a opportunidade de se divertir. Pensa que minhas fitas não são divertidas? Mas acho que a maior parte de vocês não comprehende a Russia.

— A idéa que fazem do meu Paiz e do seu povo, vêm de livros escriptos dos tempos de ante-revolução. Aquelle tempo passou. Aquella gente, tambem passou.

Naquelles tempos, irremediavelmente, perguntavam, sem esperanças, cousas sobre a vida e sobre Deus. Agora, em vez de perguntar, estamos procurando responder essas mesmas perguntas. O novo russo é ambicioso, faminto de conhecer a apprehender novos caminhos, melhores maneiras de viver.

— Não é possivel construir um novo Paraiso ou uma nova Terra em um anno ou em um dia. São necessarias gerações para fortificar idéas. Mas o Cinema é que está dando a todos os meus patricios o que ninguem já lhes deu, até hoje: "esperanças!" Em minha fita "Velho e Novo", a historia é esta. O "Velho" homens e mulheres, nada mais do que animaes, torturados por um só demonio, o sólo, que deve ser revolvido e tratado a mão, e tudo assim, e o "Novo, machinas!, fazendo os homens se livrarem dos tractores de tracção manual e o trabalho, assim, diminuido de 18 horas para 6, apenas...

— Photographicamente interessante? Sem duvida. "O velho", com mulheres preparando o solo com o esforço de suas mãos, camponezes, em blusões azues, cortando o trigo com alfanges. Mas o mundo não foi feito para apreciarem os touristas estes espectaculos.

— Devia é ter assistido uma audiencia de camponezes assistindo esta fita. Vendo, com os proprios olhos, a grande força e o grande progresso das machinas em acção, fazendo, rapidamente; o serviço todo de um milhão de pessoas. Jamais, aqui na America, reuniu-se uma audiencia tão attenta. Isto, para elles, diz mais alto sobre "liberdade", do que a propria revolução, mesmo. Porque, afinal; mostra-lhes que chegou o momento de viverem como seres humanos e, assim, podendo aprender e se illustrar, ainda.

O que lhes trará esta "liberdade?" Quem poderá dizer o que farão, durante horas de descanço, 200 milhões de habitantes? O Cinema é que lhes poderá ensinar o que devem fazer com suas horas de desço, suas horas de vida, talvez. Mas, antes disso, é preciso dar-lhes essas horas! A fazenda que mostrei na minha fita, foi a primeira a ser tratada pelo systema novo de machinas modernas. E' a maior fazenda do mundo. Duzentos tractores trabalharam nella! Muitos não foram necessarios, mas, quando alguma depende para a final palavra successo, o Soviet com isto se alegra. Compraram mais tractores do que o necessario. Gastou-se gazolina mais do necessaria. Pouco importa! Foi o baptismo! Somente o principio de uma éra nova. Daqui a cinco annos, porém, existirão cento e tantas dessas fazendas e, dahi para diante, outras tantas, até que o Paiz todo esteja crivado dellas. A Russia "vermelha" está se fazendo "verde", afinal...

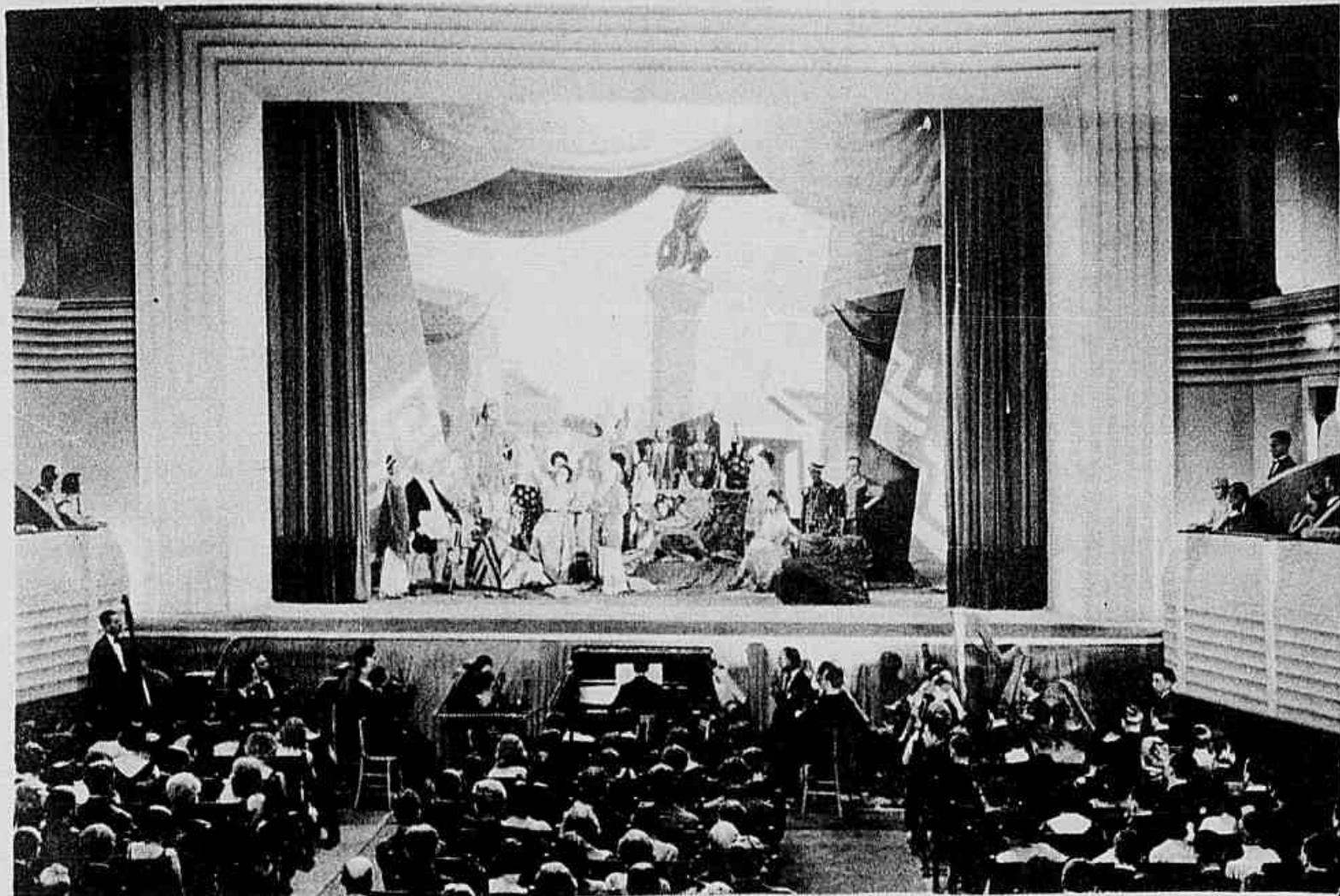
— Devem ver a fita, porque comprehenderão, facilmente, o que ha de verdade sobre a maior das experiencias que se está fazendo com um povo. Nenhum dos seus escriptores já viu a Russia de depois da revolução, como ella realmente é. Aquelles que a visitam, quasi sem expeção, vão directamente ás cidades, para Moscow — sempre cheia de gente e, agora, mais do que nunca. Elles não comprehendem que as cidades importantes nada significam. Que aquelle amontoado, com fomes e o resto de suas miserias, para a grande cidade, nada significam. E que é nos campos e nas aldeias que a idéa nova está operando differenças. Não nos importamos em Moscow de entrar para a fila e esperar a vez de ganhar o pão e pouco pão, ás vezes, porque sabemos, satisfeitos, que isto está accontecendo ao Paiz todo. E estamos certos, tambem, de que todos estão aprehendendo a maneira mais rapida e mais facil de conseguir pão em quantidade e em abundancia, pelos methodos modernos. O povo da Russia, sinceramente falando, é muito mais feliz, hoje; do que o foi ha annos.

— Não é uma circumstancia individual que está se dando hoje com a Russia. E' por isso que faço fitas de multidões. Aqui, na America, não sei. Os americanos, realmente, não estão accostumados a sentir e a pensar nas massas populares. Existem, apenas, heróes individuaes. Vós proprios. Os vossos vizinhos. O ultimo heróe que os jornaes annunciam, soffregos. As vossas fitas, não são; na integra, a interpretação do que realmente é a Amrica. Excepção feita ás de King Vidor. Outros directores de valor, existem, realmente, elles são Milestone, que é russo e Von Stroheim ou Von Sternberg que são allemães (estamos traduzindo).

— Eu queria conseguir a força para mostrar, numa fita, á todos vós, um paiz chaotico, enorme, pensando em uma série de cousas em vez de agrupar idéas apenas em volta de uma só e tendo muitos em vez de um só ideal. Tenho visto as cidades de illusão que têm creado. E nos contactos que tenho tido com operarios e com estudantes daqui, constatei que na America não ha movimento de massa. Talvez não hajam soffrido o sufficiente, ainda.

— Cinema falado? Para mim; os dialogos são brincadeiras infantis diante da pujança de um microphone. As fitas têm que se mover e ter acção. Não podem se restringir a ser immitações de theatros que, por sua vez, sempre foram apenas a mais pobre immitação da vida. O "som", no emtanto, é differente. Bem posto; numa fita; é simplesmente "maravilhoso".

— Quando pudermos accrescentar; ás nos-

(*Termina no fim do numero*)

SCENA DE "NERONE"   AO LADO, PETROLINI

Moderno Cinema Italiano

Ao lado Grazia del Rio, Robert Hommet e Dolly Davis

Dria Paola em "La Canzone :: dell' amore" ::

Dolly Davis está falando num film da autoria de Pirandello.

Campogalliani, o director de "Esposa do Solteiro", terminou a sua direcção em "Cortile" e está fazendo "Il Medico per forza", com Ettole Petrolini.

Nancy Carroll é

Faltámos duas horas com Nancy Carroll. Ella se achava em New York para iniciar a sua nova fita, "Laughter". E nós a encontrámos, justamente quando ella dava audiencia a uma série de amas das quaes ia escolher uma para ser a companheira de Pat, a sua filhinha.

Já a viram em fitas silenciosas. Já a ouviram em fitas faladas. Já a apreciaram em fitas coloridas.

Nós tambem...

Naturalmente já conhecem esses detalhes preliminares que formaram a sua carreira: o seu genio de irlandeza animada e lutadora; a carreira que a levou da stenographia ao "vaudeville", do "vaudeville" á comedia musicada e desta para o Cinema. E se não conhecem, naturalmente acabam de conhecer neste resumo.

E' a unica arte na qual se consegue o successo aos vinte annos. O escriptor theatral ou de novellas e romances, só consegue a sua melhor obra, depois dos quarenta. E no Cinema, não.

Aos vinte ou menos ainda é que se consegue o maior successo. Este successo da mocidade, exposto, como que, num aquario, é por todos notado e, por isso mesmo, por todos commentado e criticado. Quando, na realidade, nada ha a criticar ou commentar, sinão a elogiar.

Nancy Carroll tem tudo: mocidade, belleza, predicados naturaes, encanto e saude.

Quando a procuravamos, perguntavamos a nós mesmos: "terão cessado todas as ambições della? O que esperará ella, ainda, da arte?"

Quando lhe dissemos, depois, qual era a nossa curiosidade, ella promptamente se dispoz a nos responder firmemente todas as perguntas feitas.

Antes de mais nada, a sua intelligencia é tão clara quanto o azul dos seus olhos purissimos. E seus miolos, tambem, espertos como um gamo. Ella sabe perfeitamente o que quer. E sabe, desde que nasceu, pode-se dizer. Ella acha que o seu successo é uma cousa garantida. E por que deveria ella duvidar do seu successo, mesmo?

Para alcançal-o, lutou ella pela estrada da vida, passo a passo, heroicamente, sempre. Ella sabe, melhor do que ninguem, quantos obstaculos e que especie delles teve que derrotar para attingir a méta ambicionada. O seu desprendimento é admiravel e, mesmo, unico. Ella, por causa desta sua qualidade extraordinaria, lê seu nome em letras luminosas, num cartaz e é capaz de soletrar e dizer que são letras juntas a formar duas palavras, apenas. Ella tem um profundo senso de comprehensão das cousas e não se deixa jamais embeber pelo successo que porventura a circumde.

Ella tem um enorme dominio sobre si propria e, por causa disso, evita qualquer dose de convencimento. Já tivemos occasião de ouvir falar sobre isto, por intermedio de pessoas que presenciaram. Ella foi a diversas primeiras de fitas suas e jamais se emocionou com applausos, commentarios favoraveis ou cousas semelhantes. Encarou isto, sempre, como cousa occasional e passageira e apenas se preoccupa em fazer bem o que lhe mandam. Ella nos disse, mesmo, commentando justamente o que acabamos de escrever.

— Nada significam para mim; muitos applausos, muitas risadas, muitas outras cousas que não podem ser realmente a expressão genuina da verdade. Ha muito exaggero na opinião do mundo.

São palavras della. Ella tem, no emtanto, um profundo gesto pela vida. Tem uma invulgar coragem. Não é medrosa. Uma creatura medrosa, não é capaz de bravuras. Tanto quanto é anormal uma creatura que nunca sentiu medo, tambem. Nancy Carroll já teve medo. Ella admitte, mesmo, ter receio em certas circumstancias. Já viu, diversas vezes, com medo, esvairem-se esperanças suas, já teve temor physico, mesmo, mas teve coragem e venceu todas as circumstancias.

Ella tem um desusado amor á luta e á vida. Ella não é sentimental. E' extremamente pratica em todas as suas realizações. Toda a sua vida foi levada sob o prisma do realismo da vida, sem illusões, sem fantasias.

Ella é extremamente generosa. Mas de uma generosidade pratica, tambem. Antes de dar a esmola e acreditar na historia triste que lhe conta o pobre, ella investiga e procura saber a verdade de todas as queixas que contra a sorte lhe faz o mesmo. Ella sabe dizer *não*, tanto quanto sabe dizer *sim*. E' de uma franqueza admiravel. Não vacilla e nem relata. Fala, claramente, sem rebuços.

Ella não é convencida e nem vaidosa. E' simples e modesta. Se você lhe perguntar se ella é photogenica, ella dirá natural e logicamente que é. Admitte, mesmo, que é bonitinha e engraçadinha e que sáe muito bem

assim...

nas fitas. Mas diz isto, porque é extremamente franca e não é hypocrita. Uma cousa que ella não gosta, é quando alguem lhe diz que venceu na sua carreira por causa do seu corpo bem feito ou do seu rosto bonito. Ella quer vencer pelo poder da sua arte e nada mais.

Ella comprehende e considera muitissimo os soffrimentos alheios. Mas, como em tudo, com muita pratica e nenhum sentimentalismo piégas. Ella analysa friamente qualquer facto ou qualquer acontecimento. Não ha attitudes langorosas e falsas na sua vida.

Ella tem senso do seu valor e sabe dosal-o, com medida exacta.

Ella tem temperamento, sem ser temperamental. E por causa do seu temperamento, justamente, é que ella consegue emoções controladas, sejam de alegria ou de raiva.

Ella, na vida, já soffreu as suas magoas. Por isso é que ella é descrente e pouco confiante, mesmo, nas palavras que lhe dizem, assucaradas...

E' uma creatura muito divertida e tem um grande senso humoristico, bem dosado e muito opportuno. Ella é capaz de dissecar uma personalidade, expondo-a ao ridiculo, apenas numa phrase ironica... Isto não é malicia, não, é uma graça espontanea e natural.

Ella não é capaz de adular. Ella diz o que sente e, se magôa, não se curva para pedir desculpas, agindo, conforme pensa, pelo seu direito.

Dentro da sua carreira, ella quer progredir. Por isso é que diz, sempre:

— Eu não quero correr, correr e correr, ficando sempre no mesmo logar...

A sua filhinha de 4 annos, toda a alegria do seu lar, parece-se, diz ella, *exactamente com o pae* e sorri orgulhosa da belleza que já é um dos predicados da menina.

Pat não herdou, no emtanto, os cabellos de fogo de sua mãe. Mas herdou, com certeza, o seu senso pratico e intelligente e a sua argucia admiravel.

Não perguntámos a Nancy se ella ia ensinar absoluta independencia de idéas e principios á sua filhinha, porque comprehendemos, claramente, pelas suas outras affirmativas e resoluções fixas, que ella iria, sim. Ella sem duvida dará a maior e mais ampla liberdade á sua filhinha. Mas, antes, lhe terá ensinado um pouco das lições que tão bem sabe de cór.

Isto é apenas um pouco do que é Nancy Carroll. Nós mais conversámos com ella do que a entrevistámos. Isto tudo foi fruto do que dissemos, naturalmente, entre phrases de uma palestra trivial.

O o O o O o O o O o O o O

Jean Choux, continúa em actividade na direcção de "Caprice viennois".

卍

Alcover foi contractado para o principal papel de "La petite Lise", que Jean Grémiphon vae dirigir.

卍

Louis Mercanton está filmando "La lettre", extrahido da peça de Sommerset Margham. Marcelle Roméo, Paul Capellani, André Roanne e Camille Bert, estão no elenco.

卍

ALBERTO CAVALCANTI

Alberto Cavalcanti, brasileiro, está fazendo a versão brasileira do seu film "Toute sa vie", cuja versão franceza foi filmada com: Fernand Fabre, Elmire Vautier, Richard-Pierre Willm, Paul Guidé, Paul Cervières e Jean Mercanton.

卍

"Le chant des nations" será filmado em Saint-Laurent-du-Var.

卍

Simone Mareuil toma parte no sketch falado e sonoro "La Madelon".

卍

Será em Juan-les-Pins que terão inicio as primeiras filmagens de "Arthur", film falado, cantado e sonoro, tirado da opereta de André Barde e Christiné, por Léonce Perret. No elenco estão incluidos os nomes: Boucot, Berval, Robert Darthez, Edith Méra, Marguerite Ducouret e Lily Zévaco.

卍

Francesca Bertini terá importante papel em "L'Etrangère", que Gaston Ravel vae dirigir.

卍

E' provavel que a M. G. M., empreste Reginald Denny á Fox para que elle figure ao lado de Laura La Plante em uma comedia que requer a presença de ambos. De novo reunidos...

卍

East Lynne, que a Fox vae fazer com a direcção de Frank Lloyd, cedido pela First National, terá Bessie Love no principal papel e Clive Brook, da Paramount e Conrad Nagel da M. G. M. como heróes.

卍

Ben Wilson, antigo e conhecido artista de fitas em serie, da Universal, como o *Telephone da Morte*, *Navio Phantasma* e outros, e, mais tarde, director e productor, mesmo, acaba de fallecer em Hollywood.

卍

William Haines reformou por longo prazo o seu contracto com a M. G. M.

卍

Gloria Swanson acaba de ser contractada pela M. G. M., por accordo feito entre esta e Joseph Kennedy, que a tinha sob contracto. Ella fará, sob seu novo contracto, dois films annuaes.

卍

E' provavel que William Powell deixe de ser artista para ingressar para o quadro de directores da Paramount.

卍

Hobart Henley, ao contrario do que se annunciou, não assignou contracto algum com a Warner Brothers e, sim, com a Universal, para a qual já está fazendo a versão falada do seu antigo e grande successo silencioso, o C FLIRT.

SCENAS DE "SHOW OF SHOWS". AS CANÇÕES PODEM SER OUVIDAS... NA SUA VICTROLA...

MONTE BLUE

RICHARD ARLEN E
FAY WRAY
Cinearte

GRETA GARBO

CINEARTE

LELITA E DIDI EM
"LABIOS SEM BEIJOS"

OLGA BACLANOVA

Cinearte

Jackie Coogan e seu irmão Robert

Clara Bow e Rose Dione em "Her Wedding Night"

Yvonne Vallée, esposa de Chevalier

Pergunte-me Outra...

GLADSTONE DEANE — (Belém, Pará) — Os tres endereços que pode, pode dirigir aos cuidados desta redacção, Travessa do Ouvidor, 21. Lelita Rosa será estrella de *A Dansa das Chammas*, sim. Pode enviar as noticias que quizer, aprecio-as muito e apenas queria que você as mandasse mais concisas. *Bye*, Gladstone!

ANNITA — (Rio) — A coragem não a deve abandonar, mesmo, Annita. Quer que lhe diga que é uma das primeiras da lista que a *Cinédia* organizou para proximas opportunidades? *Degráos da Vida*, que Lourival Agra ia fazer, está paralyzado, segundo sei. Isso mesmo: continue sempre animada, enthusiasta e esperando o dia da sua opportunidade. Fez bem em me enviar o seu telephone. Volte logo, Annita!

L. M. COTTIAS — (Recife, Pernambuco) — Sua primeira carta referia-se a *Segredo do Corcunda*, não foi? A fita *O Valle dos Martyrios*, foi exhibida aqui e em Nictheroy, é o que sei informar. Para a segunda, Almeida Flemming, Ouro Fino, Minas.

N. BITTENCOURT — (Rio) — Recebi e archivei no livro de elencos. Aguarde sua opportunidade. Seus commentarios estão um pouco enthusiasmados, mas são sinceros, não ha duvida.

TERR LOPS — (Rio) — Como director? Mas para que me manda a sua altura e o seu peso se quer ser director? Mande sua photographia e o seu endereço para *Cinédia Studio* por exemplo, rua Abilio, 26, Rio. Depois aguarde a sua opportunidade.

CABRALZINHO — (Timbaúba) — Jeanette Mac Donald não morreu, não! Escreva-lhe para esta redacção, Travessa do Ouvidor, 21, Rio.

MISS TÉRE — (Santos) — Zangado?... Ora... Não zango com menininhas bôazinhas como você, *Miss Tére!* Você ganhou por *knock out*, serve?... Retribuo seus beijos.

J. MARTINS — (Rio) — Não tem importancia, não! Justamente por isso é que deixamos os commentarios a criterio dos leitores que têm tanto senso quanto nós. Vamos ver as fitas Brasileiras, é a melhor resposta que se dá.

A. LIMA — A. MORAES — (Campina Grande) — Tudo quanto diz já foi providenciado ou feito, mesmo. Menos os films que suggere... Montar apparelhos no Brasil para fazer numeros de *fox trot* e tangos argentinos, é exaggero, não acha?...

N. RADAGAZIO — (Rio) — Recebi e tambem as outras. Muito bem! Aguarde sua opportunidade. Elle já está restabelecido, sim.

L. GRAY — (Rio) — Elle não é de *Cinearte*, não. *The Patent Leather Kid*, da agencia M. G. M., ainda, já passou em São Paulo, com o titulo de *Entre Luvas e Bayonetas*. *The Night Watch, Harold Teen*, talvez tambem da mesma agencia, ainda não foram distribuidos. *Drag, The Squall, Smiling Irish Eyes* e os outros a que se refere, da agencia First National, ainda não foram exhibidos, mesmo e não sabemos a que attribuir o atrazo. A's vezes, no emtanto, é porque a fita é muito bôa e os exhibidores não gostam muito della...

RUDY — (Jundiahy, S. Paulo) — Aqui temos a sua photographia, sim. Se conseguir se mudar para o Rio, com emprego arranjado, posso garantir que conseguirá trabalho. Naturalmente iniciar-se-á em papeis pequenos, para, depois, ascender aos maiores. Mas continue firme, com esperanças na sua bôa estrella.

R. OLIVEIRA — (Belem), Pará) — 1° Paramount Studios, Hollywood, California, Jeanette Mac Donald. 2° — John Barrymore, Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Blvd., Hollywood, Calif. 3° — E' passavel. 4° — Irá, naturalmente. Ainda não ha nada combinado, ainda, mas por todo este mez resolve-se.

DICK — (Curityba) — Foi-lhe remettido sem registro, conforme veio, em carta separada para o seu endereço. 1° — O mesmo. 2° — Aqui foi exhibido falado.

F. SOLANO — (Parahyba) — Seus commentarios estão muito bons. Lelita Rosa, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. Os outros não estão mais no Cinema.

LUDWIG — (P. do Sul) — *Labios sem Beijos* está prompto, sim e já foi exhibido em sessão privada. Pergunte-me outra quando quizer que dará prazer, Ludwig...

W. FONSECA — (Santarém-Pará) — Ainda não se sabe mas é assumpto que será brevemente resolvido. O nome original da fita que cita, é *For Heaven's Sake* e é uma producção de 1927.

CELY NOMARA — (Rio) — Recebi e agradeço. Continue animada, sim e se isto, apenas, lhe trouxe instantes de felicidade, por que não confiar no successo final? A luta contra os preconceitos a que se tem que entregar, sei, é dura. Mas jogue-a com calma e perseverança. Nada de exaltações ou nervozismos. Calma! A pergunta que me faz merece uma resposta favoravel á sua opinião. Pode contar com a prudencia que pede. Aguarde pacientemente a sua opportunidade e saiba que uso com você de toda a franqueza. Até logo, Cely.

C. P. REGO — (Rio) — Envie photographias e aguarde o instante da sua opportunidade.

H. FREITAS — (Fortaleza, Ceará) — *Cinearte*, não usa *clichés*. Depende de, mais ou menos, para ficar technicamente soffrivel para a confecção de trabalhos, de cerca de 100 contos e, além disso, já se está centralizando mais o movimento de Cinema e, assim, deslocaria a acção. Mas seria uma iniciativa de interesse, sem duvida, particularmente se entrasse pelos enredos caracteristicos á região, fertilissima neste particular, aliás. Pode enviar as photographias e, mesmo, faça o seu commentario para a *Pagina dos Leitores*. *Pergunta-me outra*, sim, amigo Freitas.

O—O—O—O—O—O—O—O—O—O—

William Christy Cabanne vae dirigir a proxima fita de Buck Jones para a Columbia, que será, segundo dizem, uma *super* do oeste, como *The Virginian*.

Entre La Brea e Melrose Avenue, o automovel que levava Mona Rico, abalroou com outro. Depois do choque, foi a mesma levada para um hospital e agora sabe-se que ella teve um dos hombros deslocados e diversos outros ferimentos de menor importancia.

Stolen Thunder, da Fox, terá o seguinte elenco: Reginald Denny agora em uma grande evidencia, por causa da sua voz e da opinião de De Mille... Jeanette Mac Donald e Marjorie White. Apenas a ultima é da Fox, mesmo, porquanto Reginald é da M. G. M., e Jeanette da Paramount. A direcção é de Hamilton Mc Fadden.

Nick Grinde dirigiu *Mr Wu*, da M.G. M., na sua versão hespanhola, com Ernesto Vilches no principal papel.

Ernst Lubitsch foi elevado, pela Paramount, ao cargo de director geral da producção dos Studios da mesma em New York. Além deste seu novo cargo, Lubitsch dirigirá outros tantos films para a mesma fabrica.

Within the Law, da M. G. M., tem o seguinte elenco sob a direcção de Jack Conway: Joan Crawford, Robert Montgomery, William Bakewell, Purnell Pratt, Hale Hamilton, e, Marie Prevost.

Lina Basquette, no processo de divorcio que lhe atira Peverell Marley, seu ultimo marido, é accusada de ciumenta ao extremo.

Roseland, que Lionel Barrymore vae dirigir para a Columbia, com Barbara Stanwick, terá Ricardo Cortez no papel de villão

O galã de Mary Pickford em *Kiki*, que Sam Taylor está dirigindo, será Reginald Denny, emprestado pela United Artists da M. G. M.

Imaginem que Greta Garbo é gulosa, gosta de feijão branco, guarda recortes de jornaes a seu respeito!...

Agora á VIDA INTIMA

Aqui estão mais alguns detalhes intimos sobre Greta Garbo e a vida que ella leva em Hollywood.

Ella, pelo interesse e curiosidade que desperta no publico do mundo todo, pelos segredos da sua vida intima, é unica na historia do Cinema. Já se escreveram duzias e mais duzias de historias sobre a artista suéca. No emtanto, nenhuma dellas, até hoje, contou, com minucias, detalhes intimos da sua vida, como vive ella em Hollywood e como passa seus dias enfadados e alegres. E' ella, no emtanto, a verdadeira figura solitaria de toda a colonia Cinematographica de Hollywood.

Só mesmo uma artista e uma *estrella* da eminencia e da popularidade de Greta Garbo é que conseguiria viver em tal solidão e com tamanho segredo. E só mesmo um guia muito intelligente e arguto seria capaz de conseguir, para ella, estes requesitos essenciaes á sua vida exquisita.

Até hoje, pode-se dizer, a vida de Greta Garbo, fóra do Studio, tem sido um mysterio impenetravel e aqui, pela primeira vez, conta-se a vida que ella gosa em sua casa, cousa completamente inédita para os leitores.

Esta historia que vamos narrar, foi colhida, pedaço, no proprio intimo do lar de Greta Garbo. Não será revelado, é logico, nenhum segredo sagrado e apenas narra a simples, intima vida que a grande estrella, uma das mais fascinantes e mysteriosas mulheres de todos os tempos, leva em Hollywood.

Em dias passados de 1929, ella se mudou para uma casa modesta em Bervely Hills, Chevy Chase, 1027. Era uma casa antiga, de estylo italiano e um logar essencial e sufficiente para se viver. Ella confessa que a alugou por causa justamente da sua grande singeleza: a lareira, os contornos das paredes, os quartos. Cousas que, nella, despertavam um profundo sentimento de conforto, de regalo. Esta é a historia da sua vida, nessa casa, durante 1929.

Quando se mudou, Greta Garbo procurou, no lar que montou, um sanctuario para corrigir as amollações innumeras que lhe havia proporcionado a vida no hotel. E, para evitar publicidade, ella alugou a casa com nome supposto. E foi ali que se iniciou, com a companhia nossa e de outros raros amigos, a vida pacifica e agradavel do lar de Greta Garbo, depois de ha tantos annos já viver na America.

Organizado seu lar, a sua vida passou a ser simples, socegada e solitaria. Seus empregados eram instruidos a jamais dizer que era ella que lá residia e, ainda, a fazer a maior economia. Gastava ella 100 dollares mensaes com mantimentos. Duas vezes por semana ella ia ao Mercado Central de Los Angelos e, lá, fazia as compras necessarias. E, a despeito da mais rigorosa economia, Greta Garbo começou a achar que eram muito grandes as despezas.

Gastava, semanalmente, 50 dollares em sapatos, medicamentos, revistas e cousas accidentaes. E tudo isto ella assentava, religiosamente, no seu livrinho de notas. Todas as despezas eram assentadas: mesmo as de compra de jornaes e outras cousas assim pequeninas.

Uma cousa que interessará saber, com certeza, é que Greta Garbo gosta de ter todas as revistas de Cinema comsigo, assim que ellas sáem. Naquella epocha ella comprava de 10 a 15, mensaes. E, na sua ansia, não raras vezes mandava buscal-as, muito antes de terem sahido.

E' erro pensar-se que ella despreza o que se escreve a seu respeito. Uma vez por mez ella reune os magazines que falam della e os envia, com diversos outros jornaes, para sua mãe, na Suécia. E todos elles vão com traços fortes, especialmente em pontos que se referem á grande artista. O endereço que esses impressos levavam, quasi sempre, era: Mrs. Anna Gustafsson m 155, Ringbaden, 3º andar, Stockholmo, Suécia. E aquelles que nada de interesse tinham para ella, eram devolvidos ás agencias revendedoras.

Vamos acompanhar um dia de Greta Garbo, agora na epocha em que estamos escrevendo estas linhas: verão de 1929.

Ao lado de sua cama ha uma campainha electrica. A's sete, em dias de filmagem, era invariavelmente chamada ao apparelho. E, como qualquer um de nós, ella se apraz, todas as manhãs, em se espreguiçar e esperar mais uns 10 minutos na cama, antes de se levantar. Isto, para o Studio, que tudo queria em horas certas, era um aborrecimento enorme. Quando não estava trabalhando, ninguem podia advinhar a hora do seu despertar. A's vezes levanta-se ás seis, mais vivaz do que uma andorinha para, em outras, deitar-se de novo e dormir até á tarde.

A primeira cousa de importancia que ella fazia todas as manhãs, assim que se levantava, era nadar na sua piscina. A's vezes, ainda eram 5 da manhã e já se ouviam os ruidos dos seus mergulhos, na agua azul da piscina.

Depois ella tornava a se deitar e chamava a criada para lhe trazer os jornaes. Recebia ella os dois matutinos de Los Angeles e até á hora do almoço, lia-os, lendo, antes, a secção de Cinema de ambos. Cousas que lhe interessassem, eram rasgadas, immediatamente e collocadas numa das gavetas de um movel que havia ao lado do seu leito para serem mais tarde archivadas pela sua secretaria.

Quando se dirigia para a piscina, Greta Garbo já costumava encommendar o almoço. O seu repasto matutino predilecto, era: caldo de laranja ou succo de uva, bife bem passado com manteiga, um ovo quente, batatas cozidas, café com bolo. Doces de compota e ovos são cousas que ella jamais dispensa. A's vezes, ao contrario, ella não queria comidas com sal e apenas pedia frutas e café. Café, ella tomava pela manhã e á tarde. Depois do almoço, que ella tomava sobre uma mesinha portatil que lhe punham sobre o leito, mandava ella buscar o seu cãozinho favorito. E, tambem, dois gatinhos de raça e um papagaio. Eram todos elles postos sobre a sua cama e com elles ella se divertia, longamente, como se fosse uma criança.

Os predilectos, eram os gatinhos. Eram pretos e tinham sido comprados ha tempos, já. O menor, Greta o chamava de *Pinten* o que quer dizer *malhado*, em suéco. O outro, *Big Pint* ou *Mira*, conforme a disposição de sua dona.

Eram os unicos que podiam fazer o que quizessem com suas cousas, sem que ella se zangasse. Uma vez, tendo deixado um peignoir finissimo sobre uma cadeira, sem se lembrar, fôra elle apanhado pelos gatinhos que o arranharam todo e estragaram todo, tambem. Ella, quando viu o que elles haviam feito, riu-se a bom rir e não se zangou.

Greta Garbo tambem apreciava muito o papagaio. Não era raro ver-se o mesmo sobre seu hombro, horas e horas, emquanto ella fazia o seu serviço matinal, de sala para sala. Elle gritava, habitualmente: "Hello, Greta!", quando ella entrava na sala e isto a divertia immenco. Muitas vezes o bicho lhe provocava as maiores e mais expontaneas gargalhadas, aquellas gargalhadas profundas, grandes e nervosas que só ella sabe dar.

O cãozinho *Fimsy*, foi presente da filha de Emil Jannings, antes de partir para a Allemanha. Diz-se, tambem, que era um dos cãozinhos que pertencera a Valentino.

Fimsy era o unico que não se mostrava illudido com os carinhos de Greta Garbo. Elle era, como sua dona, pouco dado a intimidade e se recolhia, o dia todo, em profunda solidão e scisma. E, no emtanto, ella o tratava com o maior de todos os carinhos. Quando não estava trabalhando no Studio, depois do seu almoço, ia ella para um banho de sol, com todos os seus pertences: o cão, os gatinhos e o papagaio.

No jardim, havia, especialmente construido para esse fim, uma cobertura de lona que

preservava aquelle recanto de qualquer olhar indiscreto. Era lá que ella esfregava seu corpo todo com oleo de oliva, punha seus oculos pretos e ficava horas e horas a tomar sol pelas costas e pelo corpo todo. Depois cahia na piscina, de novo e lá ficava longamente num banho profundo.

Não poucas vezes Harry Edington, seu emprezario commercial ou Sorensen, seu amigo da Suécia, vinham tomar *lunch* com ella. Vestia ella sempre o seu kimono e tomava-se o *lunch* sob os ramos grandes de um limoeiro agradabilissimo que havia no meio do parque. Sorensen, que Hollywood começou a chamar de *O Principe*, era o filho de um suéco millionario, manufactor de caixas e que veio para Hollywood apenas para se aproximar della.

Durante os dias de trabalho, ella costumava carregar seu *lunch* para o trabalho, numa sacóla de papel. Geralmente ella não dispensava morangos fresquinhos com um preparo que somente sua cozinheira era perito em fazer. Isto ia num vidro thermico e depois era comido com creme. Alem disso ella levava um sandwich de queijo suéco e frutas varias e as mais frescas possiveis.

Quando estava em casa, a maior parte do dia, passava-a ella no leito, lendo romances Seu quarto ficava na parte trazeira da casa, no andar inferior. Dava para um patamar enorme e, delle, para o jardim. Geralmente, depois do banho de sol e da natação, ia ella para o leito, dormir e, depois, ler.

Pela manhã, ás vezes, dava ella longos passeios a pé.

Greta Garbo não gostava de deixar seus empregados sahirem livremente, ás noites. Porque — embora pareça incrivel — ella tinha muitissimo medo de ladrões e ainda que tivesse uma verdadeira paixão pelo ar puro, dormia com todas as janellas fechadas, temendo um eventual assalto.

Greta Garbo...

Uma noite, tendo ouvido um pequeno rumor no quintal, accordou todos os seus empregados e fel-os todos, com armas, dar uma busca pela casa toda e seus arredores, afim de descobrir se não havia, por ali, algum gatuno. Nada foi encontrado, é excusado dizer.

Como qualquer um de nós, á noite, ou madrugada, mesmo, ás vezes, ella gostava de procurar a geladeira para de lá tirar um pedaço de queijo, frios diversos e meio litro de leite geladо ou meia cerveja gelada, tambem. E era assi mque terminava o dia.

Uma das cousas mais importantes na sua vida particular, era a serie de exercicios que fazia, alem da natação e dos banhos de sol que tomava.

Um dos seus predilectos, por exemplo, era atirar a *medicine ball*, pesando 15 libras ou mais. E não raras vezes atirava-a ella pelo jardim todo, quasi sempre arrebentando plantações e escangalhando canteiros, sem á isto ligar a menor importancia. E, depois, quasi sempre perguntava aos seus servos: "porque é que todos têm flôres nos seus jardins e eu não tenho? Olhem aquelles canteiros! O que aconteceu aos mesmos, digam-me?..." Outra cousa que ella gostava de fazer era cavalgar pela manhã toda, por differentes locaes de Hollywood. Guiava ella o seu carro até as estrebarias de Bel Air e lá, nesse longinquo bairro de Los Angeles, entre Beverly Hills e o mar, escolhia ella a sua montaria favorita e ia ao seu passeio predilecto. Havia um cavallo, chamado *Black Satin*, que era o seu favorito. Poucas, vezes apreciava o passeio se não fosse elle feito sobre o lombo do *Black Satin*. Outro cavallo que apreciou, muito, foi um que se chamava *King Vidor*. Ella usa um selim inglez, de prata e monta com rarissima elegancia e perfeição. A unica cousa que tem, defeituosa, é uma mão demasiadamente pesada para a conducção da redea. Isto provoca um grande cançasso no animal que monta. Principalmente quando aposta carreiras. Uma vez ella veio com o animal em lastimavel estado de canceira e ella propria vinha canadissima. Descendo do animal, ella se desculpou com o dono da estrebaria: — "Desculpe-me trazer-lhe assim exhausto este animal. Mas... A culpa foi daquelle cavalleiro que vem ali que me desafiou..."

E apontou para Nils Asther que vinha cavalgando ao seu encalço. Elle, de facto, apostára carreira com ella e perdêra. Ella jamais permitte, mesmo, que alguem tenha a pretenção de a derrotar, numa corrida desse genero.

Isto nos conduz a um dos factos mais importantes na vida desta creatura extraordinaria que somente um grande psychologo seria capaz de traduzir em palavras...

Uma cousa que fascina Greta Garbo é a chuva. Gosta malucamente de ficar exposta á uma tempestade e tomal-a toda sobre si, mesmo. Quando cáem dessas, ella se expõem e sáe para a rua, seja meio dia ou meia noite... Agora estamos em pleno verão e eu ainda não a vi uma só vez carregando guarda-chuva ou usando galochas. Apenas sapatos de sola grossa e uma capa de borracha pesada são seus resguardos para estas occasiões.

O dono da estrebaria de Bel Air, conhece essa propensão que ella tem pelas tempestades. Quando está um tempo feio, ameaçando chuva, elle diz, immediatamente: "Se Greta Garbo telephonar para ter um cavallo em ordem, é porque temos chuva na certa..."

E é sempre na chuva que ella gosta de cavalgar, longamente. Nada mais a cobre, nossas aventuras, sinão uma ligeira capa de chuva, adequada. Sua cabeça é coberta por um simples barrete.

Quando se está em epocha de sêcca, Greta Garbo se entristece e fica infeliz, mesmo. Não raro é ver-se ella gastar horas no chuveiro, tomando os banhos que lhe fazem tem bem quando os toma naturalmente, exposta á chuva.

— Não supporto tempo sêcco! Se não chover eu enlouqueço!

Não era raro ouvir-se ella exclamando. E, cousa interessante, nem sempre tomava ella seus banhos de chuva em trajes de banho. A's vezes molhava-se toda vestida e quasi sempre estragando suas roupas. Nada ha, mesmo, na vida dessa mulher, que seja tão provocante quanto este seu desusado amor á chuva e ás tempestades.

E' uma verdade que Greta Garbo pouquissimo liga ás suas roupas. Poucas mais cousas têm os seus armarios do que roupas de sport, para a manhã, tarde e noite. A sua mania, são chinellas folgadas que são compradas em loja de sapatos para homens. Em 1929, quando convivi com ella, tinha ella cerca de 15 pares dos mesmos, de todos os feitios e modelos.

Meias de lã, durante o inverno e meias curtas, durante o verão, são seus characteristicos. Seus costumes são feitos em alfaiates. Tem uma collecção enorme de gravatas, lindissimas e mais seleccionadas do que se fossem as de um armario de homem de bom gosto. Para dormir, usa ella pyjamas de seda de matizes claros. Seus chapéos, igualmente, são de feltro a amasculinisados.

Quando seu empregado lhe trouxe os ultimos modelos de calçados, ella escolheu um e lhe disse, rindo: "O typo que convém a nós solteirões, não é?"...

Os *dias mysteriosos* de Greta Garbo, eram aquelles que faziam suppor que ella amasse e recebesse a visita do que todos chamavam o *seu principe encantado*. Ella costumava dizer aos criados, nesses dias: "Não estou em casa para ninguem! Para NINGUEM, entenderam?"... Mesmo

(Termina no fim do numero).

Ramon

MANIAS

Manias, sim... Você é maniaco, com certeza! Não? Ora...

Vamos ver. Estelle Taylor, por exemplo, aquella mania por roupas de todas as especies e sempre novas, não é uma mania?

Assim, vamos analysal-as. São interessantes, algumas, vulgares e communs, outras. Mas como todos os seres deste mundo são outros tantos maniacos, cada qual com a sua, porque é que não havemos de contar as dos artistas, para consolo de muitos que por ahi andam pensando que as "estrellas" e os "astros" são creaturas perfeitas...

Bernice Claire tem uma quéda especial por animaes. A sua residencia é um appartamento, justamente para evitar que transforme, pela força da sua mania, a sua casa em jardim zoologico.

Doris Lloyd, então, tem mania de comprar utensilios domesticos e por isso mesmo mora apenas num quarto de hotel.

Everett Marshall, tenor que ha pouco appareceu com Bebe Daniels em "Dixiana", tem a mania de colleccionar musicas novas. Cada vez que passa ao lado de uma casa de musicas, entra e, della, sahe com um montão de musicas novas, mania que, aliás, é a mesma de Alexandre Gray.

Bert Wheeler, então, tem a mania de comprar brinquedos para Dolores, sua filhinha de dois annos. Todos os dias, quando volta para casa, traz, debaixo do braço, uma caixa com mais um...

Noah Beery, então, tem a de colleccionar mantilhas dos indios Navajos. De diversas cores e de diversos feitios. Já tem perto de cem dellas.

John Boles tem mania de trocar dinheiro. Já é mania que não consegue tirar. Bem por isso que só anda com pouco dinheiro e todo elle trocado, nos seus bolsos.

Barbara Kent, para se afastar de um mercado de flôres, anda milhas e milhas! E' que se passar ao lado delle, para, na certa e só volta para casa depois de ter comprado um punhado de cada qualidade...

As mantilhas de sêda, são, para Carmel Myers, a maior fascinação. A quantidade das que ella tem, não podem mais ser contadas e nem menos calculadas...

Myrtle Steadman, então, é tratar com exagero de Lincoln, seu filho. Prepara-lhe os mais saborosos alimentos e compra as cousas mais refinadas e exquisitas para agradar ao mesmo.

Lupe Velez, então, tem a mania dos sapatos. Ella os tem de tennis, banho, golf, patinação, passeio, sports, opera, dança, bailados, etc.. E, quazi todos, em duplicata. E' a mesma mania que tem Walter Pidgeon, com a differença que elle mais se interessa por sapatos de sports.

Lawrence Tibbett e Jeanette Loff, cada qual, em separado, é logico, têm a mania de colleccionar discos. Jeanette confessa, mesmo, que chega a gastar mais de 2 mil dollars annuaes em discos. Lawrence, então, quazi que vae diariamente á sua casa predilecta, para escolher as novidades existentes. E tanto compra os **blues** e as musicas populares, quanto as de opera a as mais classicas.

Robert Montgomery, então, tem a mania dos elephantes. Tem-nos de porcelana, ebano, madeira, chubo, bronze, prata, ouro, tudo em summa!

Marie Dressler tambem tem mania de comprar bijuterias.

John Mask Brown tem a mania dos gatos. A sua casa está cheia delles, tendo desde angorá até os **street** gatos...

William Haines, ao contrario do que muita gente poderá pensar, tem a mania de colleccionar tapetes ricos. Porcelanas finas. Gobelins e miniaturas em marfim

Sidney Blackmer, então, tem mania de colleccionar cousas genuinamente yankees, desde os tempos mais remotos.

Kay Johnson, collecciona, com verdadeira mania, mesmo, historias policiaes.

A mania dos crystaes, têm-na Helena Costello e Lowell Sherman.

Eddie Kane tem mania de gravatas. Mania essa que é a mesma de Edmund Lowe, que já chega a ter para cima de 600. Lloyd Bacon tambem costuma colleccionar essa forma elegante de usar colleira...

Richard Dix aprecia um determinado bolo e não pode passar um dia só sem o comer.

Bebe Daniels procura, o mais que pode, cousas hespanholas, antigas.

A mania de Lon Chaney, éra a pesca. Mania essa que Ned Sparks tambem tem.

Bessie Love, então, gosta immenso de colleccionar caixas vazias, bonitas. Ella já as tem e innumeras.

Charles Bickford, então, tem a mania das arvores e das plantas. A mesma cousa é a de Michael Curtiz, o director.

William Powell tem uma notavel collecção de objectos de arte moderna.

Glenn Tryon tem a dos livros antigos.

Lewis Stone, a dos cachimbos differentes.

Leyla Hyams, dos baralhos differentes e bonitos, como aquelles com os quaes costuma jogar bridge, a sua mania predilecta.

Fred Niblo, então, tem a mania dos discursos. Seja para a inauguração de um mercado ou de um Cinema, elle sempre está disposto e sempre tem palavras novas para saudar o accontecimento...

Arthur Lake tem a mania do **golf**. Neil Hamilton tem a mesma mania...

Accessorios para o seu automovel, é a cousa que Sue Carol compra com maior predilecção, enfeitando-o cada vez mais.

Hoot Gibson tem a mania das armas. Compra-as em grande escala e as tem de todas as qualidades. Sua casa bem se parece mais com um arsenal de guerra do que com outra cousa qualquer...

Mobilias exquisitas é a mania de Louise Fazenda.

Billie Dove, Evelyn Brent e Lilyan Tashman, então, têm a mesma mania: perfumes. Compram-nos, de todas as especies e de todos os preços e só se sentem felizes quando os esparzem por tudo e por todo logar.

E ahi estão algumas das manias dos artistas de Hollywood. Éra impossivel colleccionar todas mas... Serão ellas, por acaso, differentes das manias que todos têm?...

WILLIAM POWELL É APRECIADOR DE OBJECTOS ANTIGOS

BARBARA KENT É DAS FLORES

As fitas que a companhia de James Cruze produzir, daqui para diante, não mais serão distribuidas pela Sono Art e, sim, pela Tiffany, segundo recente contracto assignado ha dias.

John Barrymore e Dolores Costello baptisaram sua filhinha que recebeu o nome de Dolores Ethel Mae Barrymore. O padrinho foi Lionel Barrymore e a madrinha, Ethel Barrymore que, não podendo comparecer, por molestia, mandou sua representante, a sua filha Ethel Colt. Monsenhor Mc Carthy officiou e a cerimonia se effectuou na Igreja de Santo André, em Pasadena.

Consta que William S. Hart tenha assignado um grande contracto com a M. G. M. Não somos dos que accreditam nisto, porque reconhecemos, antes de mais nada, que o lugar de Lon Chaney já foi na mesma fabrica devidamente preenchido por Lawrence Tibbett...

Dom Alvarado será o legionario hespanhol de **Beau Ideal,** de Herbert Brenon para a R. K. O.

The New Moon, que Jack Conway está dirigindo para a M. G. M., com Lawrence Tibbett e Grace Moore nos principaes papeis, tem no seu elenco, tambem, Roland Young, Adolphe Menjou, Emily Fitzrou, Gus Shy e Lloyd Hamilton.

Madonna of the Streets, da Columbia, será dirigido por John S. Robertson e terá Evelyn Brent como principal figura.

Depois de concluir **New Moon,** Lawrence Tibbett fará uma fita sob a direcção de Clarence Brown.

Douglas Fairbanks Jr. acaba de escrever um argumento que Samuel Goldwyn está considerando para ser o proximo film de Ronald Colman.

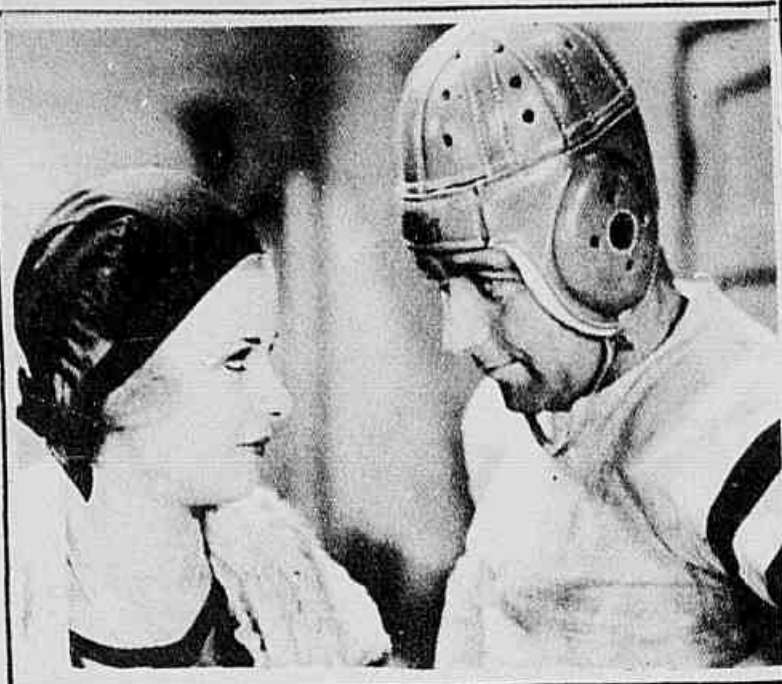
Luther Reed, conhecido director e scenarista, divorciado de Naomi Childers, casou-se a 15 de Junho de 1930, com Jocelyn Lee, ex-esposa de Henry Lerhman. Duas semanas e 23 dias depois, já tratavam do divorcio. Luther Reed allegava que ella o chamava pelos peores palavrões e exhibiu a sua cara, arranhadissima, provando o que dizia... Qual! Aquella Jocelyn, nas fitas, sempre foi uma gattinha, mesmo, para que é que Luther Reed foi brincar com fogo?

Clara Kimball Young, artista tão conhecida, está sendo accionada por uma loja de modas, pela importancia de 22.675 dollars, que diz a mesma dever-lhe a artista, pela compra de pelles, vestidos e outras cousas, ha mais de cinco annos, sem pagar um só dollar até hoje. Coitada da Clara Kimball...

New Moon apresentará Lawrence Tibbett no papel de um tenente russo e Grace Moore como princeza russa. Jack Conway está dirigindo e Karl Dane é o ultimo que foi accrescentado ao elenco.

E' provavel que Leo Mc Carey seja o director da fita que De Sylvan, Brown e Henderson querem fazer para a United Artists, sendo, para tanto, emprestado pela Fox.

As ultimas noticias sobre a morte de Lon Chaney dizem que elle falleceu no Hospital de S. Vicente e que foi victima, mesmo, de uma forte hemorrhagia proveniente do cancro que tinha nos bronchios. Momentos antes de morrer, elle conversava calmamente com sua esposa e seu filho Greighton. Veio-lhe a hemorrhagia e chamaram immediatamente os medicos. De nada adiantaram, como se soube.

FUTURAS

James Hall e Joan Bennett em "May Be It's Love".

MONTE CARLO (Paramount) — Outra opereta de Lubitsch! Tem sophisma, belleza e encanto. Uma condessa foge na noite do seu casamento para Monte Carlo. Um joven conde, para conseguir as suas attenções e conseguir penetrar em seus aposentos, disfarça-se em cabelleireiro. Consegue o seu intento e o seu amor. E' apenas isto a historia mas a maneira empregada por Lubitsch para a contar é simplesmente admiravel! Lubitsch dá-nos a impressão de transmittir o seu proprio cerebro ás interpretações dos seus artistas. Jeanette Mac Donald, como condessa, está simplesmente deliciosa e cantando cada vez melhor. Jack Buchanan, como cabelleireiro, esplendido. Claud Allister e ZaSu Pitts, magnificos, igualmente. Ha canções notaveis. Lubitsch... Que director! Que fita elle fez!

THE OFFICE WIFE (Warner Bros.) — Uma cousa rara: uma fita que tem successos garantidos para o publico e, ainda por cima, é intelligente. Bom elenco e bôa direcção. Dialogos soffriveis e um toque bastante humano na historia. Todos apreciarão! E' a historia das secretarias dos "figurões" importantes e, por isso mesmo, são as suas "office wives"... Dorothy Mackaill, esplendida como secretaria que começa a seduzir seu patrão e acaba apaixonada por elle, mesmo. Lewis Stone, admiravel, tambem. Natalie Moorhead, como esposa de Lewis, muito bem.

ABRAHAM LINCOLN (United Artists) — Todos diziam que Griffith já tinha dado o que tinha a dar. Esta fita, no emtanto, é o "knock-out" dessas affirmativas. Com "Abraham Lincoln", Griffith fez a sua maior fita! E, ainda, o que é mais admiravel, a melhor fita falada que já se fez até hoje!

Notando-se que é a primeira fita nesta nova especie de divertimento que elle faz. Esquecendo um pouco a sua mania de montagens espectaculosas, elle apenas se preoccupou com o coração daquelle grande homem, enchendo-o de vida. Auxiliado pelo esplendido scenario e pela interpretação admiravel de Walter Huston, Griffith conseguio fazer uma obra de arte inexcedivel. Ha o amor de Lincoln por Ann Ruthledge, que Una Merkel vive, até o seu assassinato no theatro Ford. Ha drama intenso e a fita, dentro delle, move-se admiravelmente. E' antes de mais nada, uma vida viva e electrica. Não ha preoccupação de falas. A cavalgada de Sheridan, um episodio celebre da guerra civil, Griffith transformou-a numa aventura excitante! Com esta fita elle prova que tanto dominou o microphone quando já estava habituado a dominar a "camera". Kay Hammond, como Mary Todd Lincoln, excellente. A volta de Griffith com esta fita, é admiravel, simplesmente.

WHOOPEE (United Artists) — A sequencia dos indios, no palco, era limitada aos scenarios pintados. Na fita, porém, notam-se os scenarios authenticos do Arizona, aonde foi filmada a referida sequencia. No theatro, a scena do deserto era apenas pintura soffrivel de um scenographo regular. No Cinema, a sequencia é authentica e foi filmada num deserto, mesmo. E' por isso que a fita é dez vezes melhor do que a peça. E' a communhão de idéas bôas de Samuel Goldeyn e Florenz Ziegfield. Acham que é possivel derrotar este "team"?... Não diga que a época das revistas já se foi, antes de assistir "Whoopee". Depois, póde dizer, mesmo, Justifica-se o milhão e meio de dollares gastos na sua confecção. As *girls*, chefiadas por Jacques Cartier e Joyzelle, são accompanhadas pela orchestra esplendida de George Olsen. Dorothy Knapp é a melhor das "show girls". Eddie Cantor, no emtanto, é o dono da fita. E' um dos homens mais engraçados deste mundo e as suas piadas são uma em cima da outra, nesta fita. Este argumento, a P D C, ha annos, já filmou, com Harrison Ford no principal papel. Mas... esta é melhor, sim!...

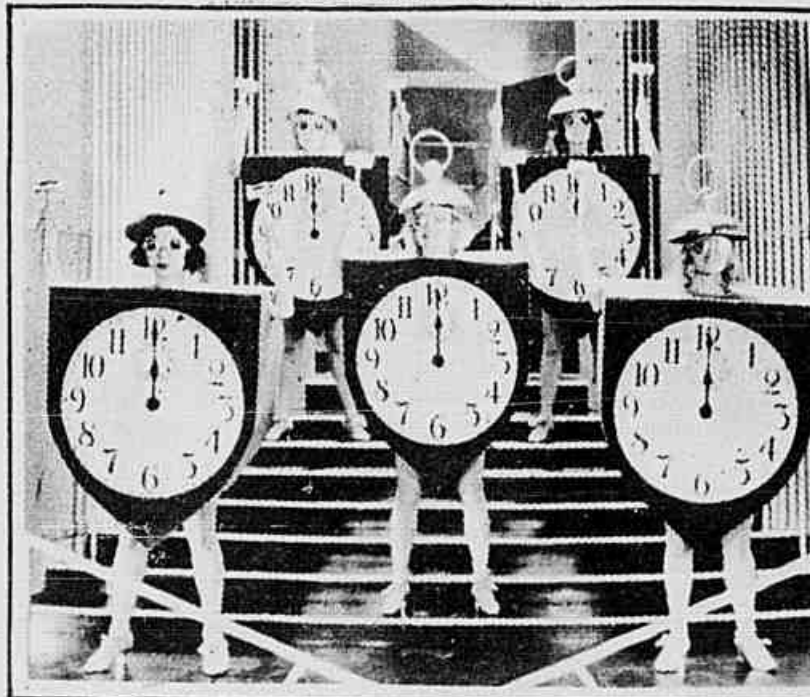
MOBY DICK (Warner Bros.) — The Sea Beast), com suas scenas amorosas entre John Barrymore e Dolores Costello? Aquella exquisita scena do jardim... Scenas que foram o principio do amor que os uniu, pelo casamento? Pois bem. Aqui está a sua versão falada, sem a sequencia do jardim, sem os idyllios que falamos e com Joan Bennett substituindo Dolores. Aventuras e peripecias, muito bem photographadas. A sequencias com a baleia, esplendidas. Ha alguns pontos tolos e a ausencia do elemento amoroso desaponta, mesmo. Mas a historia do Capitão Ahab, afinal, com o seu desejo de vingança contra a baleia branca, Moby Dick, é interessante. John Barrymore, é um Ahab convincente. Lloyd Hughes é o irmão trahidor e Joan Bennett enfeita algumas sequencias da fita.

Scena de "Animal Crackers".

MADAM SATAN (M G M) — Não tente acreditar em nada disto que lhe conta Cecil B. De Mille! Mas acceite, sem discutir, porque é a cousa mais formidavel, bonita, elegante e encantadora que De Mille já poz em fita. Ha, durante ella toda, inconsistencia genuinamente Demilliana. Uma esposa sem sorte, para readquirir seu marido, consegue um accento francez na voz, e com vestidos exaggerados consegue o seu intento. Pergunte ao seu marido o sue pensa elle desta fita... Kay Johnson, esplendida, faz o possivel para ser convincente no seu papel.

Reginald Denny, simplesmente esplendido: ousado, sympathico e um baritono admiravel! A sequencia do Zeppelin é a cousa mais espectaculosa que De Mille já fez. Cavalheiras correndo pela fita toda com vestidos que somente um maluco poderia conceber. Dialogos maliciosos e ligeiros. Orgias pagãs e, afinal, todos se atirando do Zeppelin em para-quédas. Diversão da melhor!

EYES OF THE WORLD (United Artists) — Esta historia de Harold Bell Wright, em fita, deu cousa muito enfadonha. A historia daquelle amor infeliz que, na segunda geração, attinge a felicidade de uma ingenua creatura, não agrada, absolutamente! Henry King dirigiu com montanhas admiraveis figurando em segundo plano... Una Merkel e John Holland, o casal amoroso. Fern Andra uma vampiro inconsequente.

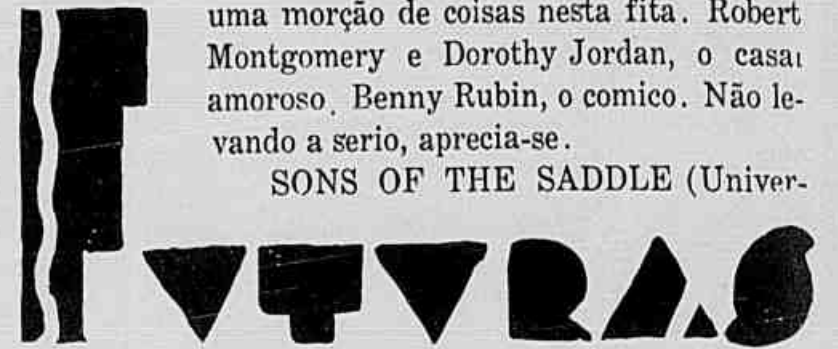
"Madame Satan" de De Mille.

A SOLDILR'S PLAYTHING (Warner Bros.) — Se aprecia romance, com innumeras gargalhadas e alguma comedia de pastelão, mesmo, não perca esta fita. E' esplendida! Uma historia de guerra que nada tem com a guerra. Não é comedia musicada mas tem bôa musica. Não é comedia de pastelão mas tem alguns... Bôa fita. Ben Lyon, Harry Langdon e Lotti Loder têm as honras da historia. Esta é a fita na qual Lia Torá tomou parte. O seu nome porém, não consta nem no commentario acima traduzido e nem no elenco.

RAIN OR SHINE (Columbia) — Joe Cook, do "vaudeville", estréa no Cinema falado. Cousas imbecis que o Cook faz, com um "tempero" absolutamente sem graça...

Viviene Segol e Walter Woolf em "Golden Dawn".

ANYBODY'S WOMAN (Paramount) — Paramount) — Parece mentira, parece, mas é verdade: Ruth Chatterton com um accento com um accento de gyria e um andar de gigolette. Clive Brook é o advogado que num momento de bebedeira casa-se com ella. Ha drama e interesse, mas falta qualquer cousa que não sabemos o que é...

LOVE IN THE ROUGH (M G M)—Romance, palhaçada, "golf", musica, dansa e mais uma morção de coisas nesta fita. Robert Montgomery e Dorothy Jordan, o casal amoroso. Benny Rubin, o comico. Não levando a serio, aprecia-se.

SONS OF THE SADDLE (Universal) — Com mais uma série de fitas assim, os emprezarios dos Cinemas só terão crianças no Cinema. O typo da fita infantil: cheia de correrias, aventuras incriveis e uma acção intensa. Ken Maynard o heróe purissimo e Francis Ford o villão velhissimo. Tarzan faz das delle e Doris Hill toma uns beijos na scena final.

Clive e Ruth em "Anybody's Woman".

WHAT A WIDOW! (United Artists) — Gloria Swanson roeu as unhas até á raiz para encontrar uma outra historia feliz quanto a de "Tudo pelo Amor", que a ergueu de esquecimento em que estava cahindo. O resultado é esta comedia com momentos que lembram os seus passados instantes com Mack Sennett... Gloria Swanson numa farça apalhaçada que tenta ser uma ligeira comedia interessante. No emtanto, os seus vestidos são realmente estupendos. Lew Cody faz sua "réentre".

Dorothy Mackaill e Sidney Blackmer em "The Love Racket".

Paul Gregory e Eleanor Hunt em "Whopeé!"

ANIMAL CRACKERS Paramount) — Mais "uma" dos Irmãos Marxs, que figuraram em "Hotel da Fuzarca"... Lillian Roth canta uma canção... Asneiras, do principio ao fim, com algumas gargalhadas em paga.

DANBER LIGHTS (R K O) — Fita de aventuras e algumas bem emocionantes, mesmo. Você se levantará na cadeira quando chegar a scena em que Robert Armstrong conduzir Louis Wolheim ferido, á morte, numa sequencia toda de rara emoção. Mas... E' só! Os artistas, inclusive Jean Arthur, apenas soffriveis.

Fern Andra e John Holland em "Eyes of the World".

ESTRÉAS

Dorothy Mackaill e Lewis Stone em "Office Wife".

SOUP TO NUTS (For) — Os desenhos de Rube Goldberg, transplantados com alguma felicidade para a téla. A direcção é que tem alguns momentos infelizes. Ha outros, no emtanto, hilariantes e realmente approveitaveis.

DOUGH BOYS (M G M) — Buster Keaton numa comedia que é uma diversão excellente e com piadas novas e cada qual mais engraçada. Ha alguma cousa que lembrá "Hombro Armas", de Carlito. Sally Eilers, esplendida. Cliff Edwards concorre com Buster em algumas sequencias comicas.

THE FLIRTING WIDOW (First National) — Dorothy Mackaill, numa esplendida comedia. E' a historia de uma pequena que escreve uma novella com um Coronel Smith no principal papel. E... o Coronel Smith existe, realmente, na pessôa de Basil Rathbone. Esplendida comedia.

THE SAP FROM SYRACUSE (Paramount) — Jack Oackie em algumas passagens comicas acceitaveis Elle é um "caipira" que custa muito para conseguir o amor da esplendida Ginger Rogers. Nada de mais, mas engraçada, em certos trechos.

THE NAUGHTY FLIRT (First National) — Divertimento bom. Acção rapida, dialogos saltitantes, bonitos vestidos e Alice White animando a acção com sua graça. Os vestidos della e de Myrna Loy, deslumbrarão. Paul Page é um esplendido galã.

THE LOTTERY BRIDE (United Artists) — Jeanette Mac Donald é a fita toda! Você já sabia que ella cantava muito bem e era lindissima, não é? Pois bem: aqui ella representa e prova que é uma esplendida artista, tambem. Bôa historia, embora conhecida e musica excellente. Ha sequencias muito boas.

GOLDES DAWN (Warner Bros.) — Se você já jurou que não mais ao Cinema que exhiba uma fita com gente cantando a qualquer proposito, não assista esta! Noah Beery é um sujeito horrivel que cobiça terrivel uma ingenua soprano que se chama Vivienne Segal. Mas o tenor Walter Woolf entra com o seu "joguinho" e liquida o villão com a sua voz de baixo profundo. E' isto a historia. Gostou?

LEATHERNECKING (R K O) — Ainda estão fazendo romances musicaes... Se não fossem Benny Rubin, Ned Sparks e Louise Fazenda, com as suas passagens comicas, o desastre era geral...

THE LADY WHO DARED (First National) — O canto do cysne para Billie Dove... na First National! Uma fitinha soffrivel, apenas. Conway Tearle e Judith Vossell, completam outras sequencias soffriveis, tambem.

HELL'S ISLAND (Columbia) — Jack Holt e Ralph Graves na legião estrangeira, na Africa. Dorothy Sebastian é a pequena. Ha acção, bôa interpretação e romance. Como fita de linha e successo de bilheteria provavel, serve.

MAYBE IT'S LOVE (Warner Bros.) — Joan Bennett numa dessas academias americanas, nas quaes só se joga "rugby" e só se dansa ao som de um "ukelele" qualquer... James Hall é o galã e Joe Brown o comico. Não podemos recommendar, sinceramente falando...

MONSIEUR LE FOX (M G M) — Uma historia que foi filmada em cinco linguas: ingleza, franceza, hespanhola, italiana e allemã. Barbara Leonard só não figurou na versão hespanhola. Gilbert Roland, na ingleza e na hespanhola...

ROUGH WATERS (Warner Bros.) —

Ben Lyon e Harry Langdon em "A Soldier Plaything".

John Garrick e Jeanette em "Lottery Bride"

"Abraham Lincoln" de Griffith foi considerado o seu melhor film.

Gloria Swanson em "What A Widow".

Fita de Rin Tin Tin. Lane Chandler é o galã... de Jobyna Ralston, a heroina. Edmund Breese apparece. Não é para gabar, mas que fitinha "páo"...

KATHLEEN MAVOURNEEN (Tiffany) — Historia irlandeza feita por Albert Ray, com Sally O'Neill... Mas... vamos jogar tennis?...

OUTSIDE THE LAW (Universal) — Tod Browning, que já fez esta mesma historia, ha annos, para a mesma Universal, com Lon Chaney no principal papel, fracassou, na versão falada. Esqueceu-se de mecher com os artistas e os deixou falando, falando, falando, até se exgottar a paciencia da gente... Mary Nolan, Edward Robinson e Owen Moore, apparecem.

ROAD TO PARADISE (First National) — Irmãs gemeas e Loretta Young vivendo o papel de ambas. Pensavamos que não houvessem mais argumentos explorando este assumpto, mas... este é um, ainda... O eternamente joven Jack Mulhall é o galã.

THE LOVE RACKET (First National) — Dorothy Mackaill enterrada viva numa historia que é um drama pesadissimo. Ha mais uma scena de tribunal... Sidney Blackmer é o galã. (!)

WINGS OF ADVENTURE (Tiffany) — Armida é que salva a fita de ser um fracasso completo. Rex Lease é o seu sympathico heróe. Fita para crianças.

TRUTH ABOUT YOUTH (First National) — Começa bem e dá idéa de ser uma fita approveitavel. Depois... Decáe e nada mais é do que a aventura de amor de Loretta Young por Conway Tearle. Myrna Loy e David Manners, bem.

ONE MAD KISS (Loucuras de um Beijo) — Fox. — José Mojica, da Opera de Chicago, com uma excellente voz, nada consegue em prol desta fraquissíssima fita. Elle faz um bandido hespanhol que rouba o coração de uma pequena. Mona Maris é ella.

WOMEN IN LOPE (Warner Bros.) — Com pouca mudança no "scenario" habitual, é mais uma historia do "underworld" americano. Grant Withers e Evelyn Knapp são o par amoroso. Lucille La Verne apparece.

O primeiro desempenho de Ivan Petrovich para a United Artists, será ao lado de Ronald Colman, na fita que este fará, proximamente, sob a direcção de Irving Cummings.

卐

"The General", passou a se chamar "Virtuous Sin" e terá Walter Huston no principal papel. Kay Johnson é sua heroina e George Cuckor e Louis J. Gasnier são os directores da fita.

Depois de terminar "The Silver Horde", que fez ao lado de Evelyn Brent e Gavin Gordon, Louis Wolheim vae, finalmente, realizar o sonho da sua vida: dirigir uma fita. E, na mesma, figurará, tambem num dos principaes papeis.

卐

"Women of all Nations" será a proxima fita de Raoul Walsh, tendo Victor Mc Laglen e Edmund Lowe nos principaes papeis.

卐

"Fighting Caravans", da Paramount, reunirá, no seu elenco, Gary Cooper e Lily Damita nos principaes papeis.

卐

Joan Pesers foi escolhida para viver o papel que Gladys Hulette fez, ha annos, na versão silenciosa de "David, o Caçula". O galã ainda não foi escolhido.

卐

O casal Florence Vidor. Jascha Heifetz, acaba de ser visitado pela cegonha, que lhes trouxe uma filhinha de presente.

卐

Douglas Fairbanks Jr. tambem foi escolhido para figurar num importante papel de "Beau Ideal", que Herbert Brenon está dirigindo para a R K O.

卐

"The Utah Kid", da Tiffany, será dirigido por Richard Thorpe e terá Dorothy Sebastian e Rex Lease nos principaes papeis.

卐

"She Got What She Wanted", fita da Tiffany, terá Betty Compson no principal papel. Escolheu-a o director, seu ex-marido James Cruze.

卐

A Allemanha prohibu a exhibição da fita "Mamba", da Tiffany, que se passa na Africa allemã e que a mesma nação considerou offensiva aos brios nacionaes.

卐

"Brothers", peça theatral que Bert Lytell creou com grande successo, nos palcos de New York, vae ser filmada, com o mesmo Bert Lytell no principal papel, Dorothy Sebastian como sua heroina e Walter Lang na direcção. A fita é da Columbia.

James Hall, Jean Hersholt, Hobart Bosworth, George Billings e Paul Hurst, formam o elenco de "The Third Alarm", que a Tiffany está produzindo sob a direcção de Emory Johnson.

FITA DA UNITED ARTISTS

DOLORES DEL RIO .... *Lita*
Edmund Lowe .... *Jerry Flanagan*
Don Alvarado .... *O Brasileiro*
Blanche Frederici .... *Madame Durand*
Adrienne d'Ambricourt ...... *Madame Pompier*
Mitchell Lewis .... *Olaf Swenson*
Yola d'Avril .... *Pequena do café*
Harry Stubbs .... *Marinheiro*
Victor Potel .... "
Tom Dugan .... "
Ultich Haupt .... *Pierre*
John Sainpolis .... *O Juiz*
Henry Kolker .... *Advogado do ataque*

Director: — GEORGE FITZMAURICE

Le Bateau Café. O centro de todos os que chegavam a Marselha e se procuravam divertir. Isto é. O ponto de reunião dos marujos e das infelizes creaturas daquellas redondezas.

Era lá que se encontrava Lita.

Lita era uma dessas mulheres que têm peccado na mais simples palavra e malicia no mais ingenuo dos sorrisos. Tentadora, lindissima, ella era, para os marinheiros que frequentavam aquelle café, a melhor bailarina e a mais formidavel realização da natureza...

Não se sabia se ella era fiel ou infiel nos seus amores. Sabia-se, apenas, que ella costumava illudir a bôa fé dos frequentadores do café, tirando-lhes dinheiro em grande quantidade, em troca dando uma chave que não servia em porta alguma...

Encontramol-a, agora, entre dois amores. Isto é. Tendo o amor de um moreno de cabellos negros, "o *Brasileiro*" e de um marinheiro americano, Jerry Flanagan, que, em tremenda disputa procuravam, ambos, conquistal-a.

Jerry era terrivel. Tudo quanto queria, conquistava, custasse o que custasse. E não lhe foi difficil, portanto, afastar o seu rival e ver-se apenas diante do coração de Lita. A explicação foi rapida.

— Afastei-o de ti mas não te quero! E's demasiadamente futil!

E ella lhe contou, em seguida, a sorte de artimanhas e maneirismos que precisava empregar para illudir a bôa fé daquelles brutos. E quando elle a tomou nos braços e a beijou nos labios, soffregamente, Lita comprehendeu todo aquelle sacrificio. Jerry havia abandonado seu navio, ficára quasi na miseria e se não fosse o emprego de *garçon* que lhe arranjára Madame Pompier no seu café, elle estaria, talvez, passando necessidades... E tudo aquillo, por que?... Unicamente por causa de Lita.

E, dahi para diante, afastados os rivaes, Jerry acalmou e começaram, ambos a levar uma vida socegada e apaixonada, até que chegasse, finalmente, o dia do casamento que já haviam combinado.

A paixão de ambos, porém, intensissima, não lhes permittia esperar muitos mezes para aquelle casamento. Jerry não a deixava um só minuto e Lita já tinha os labios até magoados de tantos beijos... Foi ahi que se approximou o dia do casamento.

No dia, emquanto Jerry sahiu para comprar o *bouquet* de noiva que queria dar a Lita, chegou, inesperadamente, Olaf Swenson, um suéco que se dizia promettido de Lita. De facto, ha tempos, ella lhe promettera casamento. Mas é que elle se vinha fazendo inconveniente, ao seu lado e, assim, foi a sua unica solução. E quando o viu ao seu lado, terrivel e apaixonadissimo, sentiu, apenas, anteceder de tudo de terrivel que ia acontecer.

Não tardou. Jerry entrou, tendo na mão o *bouquet* que fôra comprar e quando viu Olaf Swenson, que, amoroso, prendia Lita nos braços e tentava beijal-a nos labios, atirou-se a elle.

— Sáe dahi, canalha!

Olaf largou Lita. Olhou-o.

— Quem é você?

— Sou o noivo della!

— Mas ella prometteu casar-se commigo!!!

Não houve tempo para Lita explicar. Era tarde. Olaf atirou um murro a Jerry e este, immediatamente, num impulso, atirou-se á luta, disposto, tambem. Segundos depois, com um tremendo socco, Jerry atirava-o a distancia. Terminára a briga. Avizinharam-se alguns que por ali se achavam, curiosos e foram reanimar Olaf. Sacudiram-no. Quizeram-no fazer levantar. E nada conseguiram, a não ser constatar que elle, por effeito da pancada que tomára, partira a base do craneo e tivéra morte fulminante.

——oOo——

O julgamento, tempos depois, foi prejudicado pelas informações que a justiça colheu. Jerry allegára, em sua defesa, que encontrára sua noiva nos braços daquelle homem, que lutára e que conseguira, afinal, derrubal-o com um socco que teve a intenção de o magoar, mas não de o matar. E isto era uma esplendida attenuante para elle, sem duvida, se não viessem, depois, as provas que o iriam levar ao presidio. Diversas testemunhas affirmaram que Olaf era o noivo de Lita e ella propria, chamada a falar a verdade, não poude negar que havia promettido casamento áquelle bruto, muito embora fosse apenas para se ver livre delle. E. assim, posto em julgamento, foi Jerry, por unanimidade de votos, condemnado, pelo jury, a 10 annos de prisão cellular.

——oOo——

Jerry, quando ingressou para aquella ilha de prisioneiros, ia convencido de que Lita fôra a ultima das ultimas. Pensava elle, naturalmente offendido, que nada fôra, aquelle casamento premeditado com elle, do que um dos seus muitos artificios para prender, conseguir dinheiro e enganar. Não se lembrava, no seu delirio de odio, de todo o affecto sincero, amoroso, simples que ella lhe demonstrára e attribuia, mesmo, aquella situação em que a vira com Olaf como uma das muitas á que ella se expunha voluntariamente para provocar lutas entre os homens que a queriam. Mas, quanto se illudia elle! Emquanto passava as suas horas em trabalhos forçados, ella procurava um meio de se approximar do reducto dos prisioneiros.

Mulheres, ali naquella ilha, só as esposas dos guardas e do chefe geral da prisão.

Portanto, nada de esperanças para Lita. A não ser no momento em que ella falou com Pierre, um guarda brutal e desalmado, convencendo-se de que elle era uma presa facil para seus encantos. Tentou convencel-o a deixal-a entrar para falar com um *parente* que tinha lá dentro. E vendo que nada conseguia, dispoz-se ao sacrificio. Pierre já lhe pedira que se casasse com elle. E, casando-se com elle,

ÁTENTA

ella poderia ver Jerry e falar com elle. E, assim, depois de uma das suas noites de insomnia, foi tudo resolvido. Ficou ella noiva de Pierre e, assim, dispoz-se a se sacrificar só pelo prazer de ver mais uma vez que fosse o seu querido e muito amado Jerry.

Madame Durand, a esposa do guardião da penitenciaria, comprehendia bem a vida. O olhar triste e melancholico de Lita. A frieza com que ella recebia as manifestações apaixonadas de Pierre. Fizeram-na comprehender, num instante, do que se tratava. Um dia, pois chamou-a para um lado e perguntou-lhe:

— Amas Pierre?

— Não!

Lita respondeu immediatamente, sem relutar. E para que? Não estava aquillo estampado em seu rosto?

— Amas a quem?...

— Ao Jerry Flanagan!!!

E deixou cahir, lagrima a lagrima, a toda a profunda tristeza que lhe roia a alma. Depois, quando mais calma ficou, contou tudo áquella admiravel e delicadissima confidente que encontrou, sem pensar e sem querer. Comprehendendo-a, Madame Durand prometteu-lhe falar a Jerry. E, de facto, na primeira occasião que teve, falou a elle. Contou-lhe tudo quanto ella vinha passando por causa daquelle amor e o sacrificio que ia fazer, casando-se com Pierre, apenas para poder vel-o. Numa ansia, desesperado com quanto ouvia e comprehendendo, finalmente, a sorte de mulher

que era Lita e o quanto ella o amava, elle se dispõe a lhe pedir que não faça aquillo, nem que tenha de jamais o tornar a ver. Escreve o seu recado a Lita e manda-o por intermedio da propria Madame Durand. No emtanto, alguem que espreitava a conversa, consegue, depois, furtar o bilhete das mãos de Madame Durand e leva-o direitinho a Pierre. Lendo-o e comprehendendo a situação, este se enfurece e atira-se, francamente, a martyrizar Jerry. Faz todas as sortes de canalhadas e patifarias e quando já se dispõe a enfial-o numa solitaria terrivel, vê-se frente a fente com Blochet e o seu grupo, revoltados, que, já tendo dominado o restante da guarda, já avançava para elle, libertando Jerry e aprisionando Pierre, por sua vez.

Quando Jerry sabe que a intenção de Blochet era incendiar a casa do guardião e, tambem, de matar todas as mulheres e homens da ilha, que não fossem condemnados, elle se revolta contra aquelle vandalismo e,

num impeto, agarra Blochet e em rapida luta domina-o, conseguindo se pôr a testa do movimento revoltoso.

O unico local da ilha que podia offerecer possibilidades de fuga, era uma ponte que conduzia para o outro extremo e para a liberdade, tambem. Tendo que affrontar uma escolta de guardas que estava pela sua frente, Jerry vê-se na contingencia de lutar ou morrer. Apanha uma bomba explosiva na mão e, com ella, procura fazer frente aos inimigos, procurando atiral-a em local apropriado, para afastar definitivamente os soldados restantes e, assim, ganhar a liberdade. No emtanto, aos primeiros passos, é attingido por uma bala que o derruba. Atirando fracamente o explosivo, vê tombar a ponte que é a propria esperança de liberdade e, assim, para sempre se imagina separado de Lita. Esta, no emtanto, tendo ficado ao seu lado, ampara-o, com o braço ferido, derrotado e o anima a enfrentar as consequencias de tudo aquillo.

Dominado o motim, tudo volta á moda antiga. Lita, tendo falado com Jerry, promette-lhe voltar para Marselha e, lá, esperal-o. Assim o faz e, mesmo depois, quando lê a noticia de que o governo libertou Jerry porque o achou passivel de perdão por ter sido o verdadeiro causador do apaziguamento daquella revolta, exulta e vae ao cáes, logo, assim que sabe que o terá de volta.

Tendo-a nos seus braços, para sempre, depois de haver desembarcado, Jerry tratou logo de uma cousa definitiva e necessaria: um padre.

Casaram-se, beijaram-se, abraçaram-se, amaram-se apaixonadamente, como sómente elles se podiam amar com os corações jovens e ardentes que tinham e, depois, rumaram para a America a procura de uma vida melhor e mais socegada.

Agora a vida intima de Greta Garbo

(Continuação)

quando Edington telephonava, sobre um assumpto urgente e importante, ás vezes, recebia o implacavel recado: "Miss Garbo não está! Não sabemos aonde ella se acha e nem a que horas vem!".

Sorensen, o seu amigo da Suécia, não se conformava com o NÃO e insistia: "Eu sei que ella está, meu amigo! Diga-lhe que eu *preciso* falar com ella! "E não raras vezes ella mesma tomava o phone e respondia ao Sorensen: "Miss Garbo mandou dizer que não está em casa!".

Não eram raras, tambem, as suas expansões de jubilo quando lhe chegavam jornaes e revistas da Suécia. Ali passava ella, deitada, quasi dois dias e mais, lendo e devorando tudo quanto os mesmos traziam. Apenas se levantava para nadar e fazer seus exercicios.

Apesar de todas as precauções e da sua casa estar em nome supposto, alguns descobriam e vinham ter á porta da sua casa. Uma pequena do Texas lhe causou muitos aborrecimentos. Começou chamando Greta Garbo ao telephone, de uma grande distancia. Depois, escreveu-lhe cartas. Dizia-se aparentada de Mauritz Stiller e que tinha uma carta do mesmo, apresentando-a. Greta Garbo não acreditava em nada daquillo. Stiller morrera e as cartas iam direitinhas para a cesta de papeis.

Um dia, porém, o porteiro despertou, meio tonto, com a voz de uma pequena gritando na porta: "Greta! Venha aqui!" Acompanhavam-na dois homens. "Eu sou aquella *tal* do Texas!"

Foi uma difficuldade enorme para os criados convencerem-na que devia desistir dessas idéas. Na manhã seguinte, sempre curiosa para conhecer os pormenores do facto, Greta Garbo levantou-se mais cedo e poz o criado a contar o que succedera.

Outro, foi um collegial que durante dois dias nada mais fez do que rodear a porta da sua casa. Dizia ella que queria uma entrevista com Greta Garbo para o seu jornal do collegio. Por causa della Greta Garbo era forçada a usar sempre a porta dos fundos.

Um homem de Wyoming, enviava duas orchideas semanaes a Greta Garbo, durante tres mezes repetindo a façanha. Ella as apreciava e conservava-as com carinho para seus vestidos. Outro admirador, de St. Louis, enviava-lhe, semanalmente, tambem, uma grande caixa com bonbons. E tentou, por diversas vezes, falar com ella, pelo telephone ao mesmo, bem de longe. Mas não conseguiu, porque ella não se interessava por isso.

Greta Garbo sempre apreciou flores.

As duas predilectas, são: amores perfeitos e violetas. Os seus raros amigos sempre as enviavam para ella.

Sempre, á cabeceira do seu leito, existiu um ramalhete das mesmas.

A 18 de Setembro de 1929, Greta Garbo celebrou, naquella casa, o seu 24° anniversario. Os seus criados lhe fizeram um bolo de anniversario, bem grande, com 24 vélas accesas. Cada uma de uma côr e formando as côres da bandeira suéca. Seu amigo Sorensen tambem compareceu, esse dia e trouxe caricatura que tinha feito para ella. Representava-a de capotão, chapéo de jockey e sapatos de homem. Ella apreciou muito a caricatura e collocou-a, numa moldura de prata, ao lado do seu leito. Havia, tambem, á sua cabeceira, um outro retrato de homem. Era a photographia de Mauritz Stiller, enfeitada com flores.

No penteador, havia, ainda, o favorito idolo chinez de Greta Garbo: um deus chamado Quan Yin.

O seu penteador, aliás, é muito simples. Tem apparelhos todos de prata. Usa pouco perfume, a não ser um grande frasco que contém um com aroma de gardenia. E, tambem, um sabonete de alfazema, usadissimo na Suécia. Não existem, ali, cosmeticos, loções ou cousas semelhantes. Rarissimas eram as vezes que ella pedia um pedaço de gelo para esfregar no rosto.

Quando não em trabalhos, ella mesma se

(Continua no fim do numero).

CINEMA DE AMADORES

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

VELOCIDADE E EXPOSIÇÃO

O que se chama a velocidade normal de uma camara ou de um projector, sejam elles para profissionaes ou amadores, é o total constante de 16 exposições, realizadas durante o espaço de tempo de 1 segundo.

Já o film denominado sonóro, aquelle onde se grava o som ao par da imagem, requer uma velocidade de 24 exposições por segundo, não sómente para a camara, mas tambem para o projector; porém com o film silencioso, o film cinematographico, a velocidade normal é de 16 exposições.

Esse numero de exposições é sempre o mesmo, tanto para o amador como para o profissional, e qualquer que seja o tamanho do film empregado.

As camaras mais simples para o amador apresentam apenas uma velocidade, que é a normal. Neste caso, estão a Moto-camara Pathé, a Cine-Kodak modelo B, a Filmo 75, por exemplo.

As camaras de construcção mais detalhada, e por isso mesmo mais dispendiosa, apresentam varias velocidades, umas semi-normaes, outras o duplo da normal. A Cine-Kodac modelo BB photographa á razão de 16 ou de 8 quadros por segundo. O mesmo póde ser feito com a Filmo 70, sendo que esta possue modelos para registrar sports, marathonas, corridas, etc., á velocalidade de 32 e mesmo 128 quadros por segundo, oito vezes a velocidade normal.

O amador que se inicia na arte deve escolher indubitavelmente uma camara de velocidade normal. E, quando estiver ao par de tudo quanto com ella se relacione, utilizar-se então de outras velocidades, com uma camara como as ultimas acima apontadas, como exemplo. Mas antes de começar, elle deve sempre ter em mente uma coisa. E' que a velocidade normal é sempre apropriada a todos os assumptos, e por isso deve ser usada em todos os casos. A funcção das outras velocidades não é tomar o logar, substituir a normal, porém introduzir no film qualquer coisa de interessante, agradavel, variando o aspecto do film com a variação da velocidade. Por ultimo, a camara lenta, como é chamada mais commummente a camara para 128 quadros por segundo, póde ser empregada largamente em assumptos do ramo educativo.

Façamos um pequeno estudo sobre as velocidades, começando pelo menor dellas empregada pela camara de amadores, isto é, pela velocidade semi-normal, que diminue o total de quadros expostos por segundo, augmentando os movimentos da imagem, na projecção. Quando convém usal-a? Por que?

Em regra geral, essa velocidade, que podemos estabelecer em 8 quadros por segundo, não encontra lá muitas opportunidades de uso efficiente, mas em certas occasiões bem que nos é de inestimavel valor. Por exemplo: supponhamos que seria util photographarmos o interior de uma casa. As condições de luz são ruins. Não temos reflectores a mão.

No emtanto, nada se move, dentro daquelle interior.

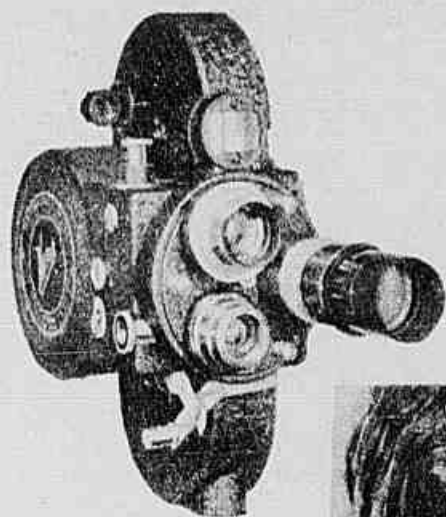
Como fazer?

A resposta é simples. Utilizar a velocidade de 8 quadros por segundo. Desde que haja qualquer movimentação durante a filmagem, já esse recurso não póde ser utilizado, porque essa velocidade diminuida, augmentando a rapidez da movimentação na téla, durante a projecção, iria provocar uma movimentação toda desabrida, e por isso até comica, dos que se achassem naquelle interior.

Todo amador deve saber que a velocidade diminuida, metade da normal, duplica o tempo de exposição, ou por outra, admitte dentro da camara o dobro da quantidade de luz necessaria para impressionar a emulsão do film. D'ahi é facil deduzir como essa velocidade representa um recurso para a exposição, no caso de não haver muita acção durante a filmagem, tal como dissemos acima.

A's vezes, essa acção ou movimentação exaggerada é porém desejavel.

Quando se quer filmar umas scenas de rua, mostrando os transeuntes e vehiculos numa velocidade hysterica, para incluir depois esse trecho, como um effeito comico, na filmagem normal, diminue-se a velocidade da camara até á metade, e apanha-se a metragem necessaria.

No emtanto, o amador que faz isto póde esquecer-se de um ponto cuja importancia mostraremos aqui. E' que, quando a velocidade da camara é reduzida, o diaphragma precisa ser mais fechado, geralmente um pouco, afim de compensar assim o augmento da exposição. Se por exemplo, as condições de luz indicam que se empregue o diaphragma a F. 11 com a velocidade normal, devemos abaixal-o até F. 16 quando usarmos a semi-normal.

A Victor Camara, modelo 5

Velocidade:

8	quadros	por	segundo
16	"	"	"
24	"	"	"
32	"	"	"
72	"	"	"

Desse modo, a exposição do film terá o mesmo valor em ambos os casos. E é importante lembrar isto, porque todo film possue sempre um limite para as condições de luz. E quanto ao que se refere ás velocidades semi-normaes, é isto que aqui fica o bastante.

Vejamos agora o outro extremo do nosso pequeno estudo, isto é, as velocidades super-normaes. Podemos estabelecel-o em 32 quadros por segundo, e digamol-o desde já tambem possue seus fins bem indefinidos.

Para effeito de ordem comica, as velocidades super-normaes não convém, porque projectam depois na téla uma acção exaggeradamente lenta. Como dissemos mais acima, ha camaras que permittem uma velocidade duas vezes normal. Mas essas camaras não pódem propriamente ser chamadas de "camaras lentas" porque a velocidade real de uma "camara lenta" é oito vezes a velocidade normal, estando nesse caso, aliás, a Filmo 70 para sport, saltos e corridas. No emtanto, a velocidade dupla, como dá em resultado uma movimentação lenta porém pouco differente da normal, servirá melhor, em certos casos, do que a camara lenta; entre esses casos estão as corridas de cavallos, as partidas de foot-ball, as regatas, etc. Naturalmente, a verdadeira camara lenta de 128 quadros por segundo é que nos dá o chamado movimento lento, porém a velocidade dupla de 32 quadros por segundo é o bastante para podermos assistir commodamente bem a uma corrida ou a um jogo. Ha porém uma coisa. Assim como é necessario fechar o diaphragma de 1 ponto, para metade da velocidade normal, assim tambem é preciso abrir um ponto para aquella que é duas vezes o normal, afim de ajudar o obturador que trabalha mais rapidamente.

Agora, a chamada "camara lenta". A velocidade aqui, de 128 quadros por segundo, é de tal ordem que todas as coisas em acção permittem uma analyse do seu movimento.

Seria inutil chamar muito a attenção dos amadores sobre este ponto.

Todos sabem que, a uma velocidade oito vezes a normal, póde-se vêr distinctamente os musculos do homem e dos animaes em acção, e como elles actuam sobre o esqueleto, que é o arcabouço dos vertebrados. As velocidades super-normaes podem ser usadas para effeitos comicos, porém a sua principal utilidade ahi fica; é o estudo do movimento, desse movimento ordinariamente imperceptivel á vista.

As machinas de construcção muito complicadas, e que se movem a uma velocidade muito rapida para a vista, podem ser facilmente examinadas na téla, quando filmadas com uma camara lenta. Chegaram-se a construir camaras que gravam a trajectoria de uma bala. Porém isto não interessa ao amador, e refere-se mais ao profissional que procura filmar aquillo que se liga ao seu ramo de estudo. Por isso apenas o deixamos consignado aqui.

A camara lenta, usada largamente como é para os assumptos athleticos, possue varias vantagens. Mostra si a technica do athleta é perfeita ou não. Mostra os erros commettidos pelo desportista. E assim, o amador que possue uma camara de velocidade oito vezes normal, ganha renome entre os amigos que se dedicam ao sport, e ao mesmo tempo obtem varios e innumeros films, em velocidade normal e lenta, e depois tornando-os excellente, comparando-os, uns com os outros, durante a projecção, na téla.

Essas comparações nunca deixam de impressionar muito os espectadores. E' mais ou menos como si convidassemos um amigo para olhar atravez de um microscopio, e a impressão seria a mesma.

No emtanto, para o amador, a verdadeira camara-lenta, é em geral pouco necessaria. Sendo essa velocidade uma phase toda especial, por isso mesmo não tem uso constante. D'ahi, a necessidade de uma camara especial, uma camara que só trabalha a essa velocidade.

Mas para o amador, como duas ou mais camaras, cada uma destinadas a um fim, iriam elevar muito o custo do material, é bastante umas dessas camaras populares e que, dando velocidades duplas e triplas, além da normal, estando neste caso a Filmo 70, seriam a melhor solução para a questão.

Em summa, as velocidades extra-normaes não são para serem usadas a todo momento, porém para substituirem a normal em certas occasiões.

Por outro lado, um amador com uma camara de velocidades variaveis não deve desprezar as outras, porém utilizal-as a todas, empregando-as conscientemente, conforme requeira o assumpto.

Acima de tudo, porém, deve ficar o cuidado de compensar-se, com a abertura do diaphragma, aquella velocidade do mecanismo, alterada desde que se passar a usar ou a Camara Lenta, ou a Camara Extra-Rapida.

A Cine-Kodak modelo BB

Velocidades:
8 quadros por segundo
16 quadros por segundo

A Filmo, modelo 70-D

8	quadros	por	segundo
12	"	"	"
16	"	"	"
24	"	"	"
32	"	"	"
72	"	"	"
128	"	"	"

(o) — (o) — (o) — (o) — (o) — (o) — (o) — (o)

Lilian Gish, chegada recentemente da Europa, deu uma entrevista aos jornaes, na qual declarou que abandonava o Cinema, porque sempre preferira o theatro.

Na versão hspanhola que a M G M está fazendo de "The Big City", que Wallace Beery e Chester Morris criaram, ha tempos, José Crespo terá o principal papel: isto é, o de Chester Morris.

"Mistress", da Warner, terá Bebe Daniels no principal papel, devidamente emprestada pela E K O. Ben Lyon será seu galã e Lewis Stone tambem figurará.

E' provavel que a primeira fita de Sergei M. Eisentein, o director russo, para a Paramount, seja "An American Tragedy", de Theodore Dreiser, sendo que Chester Morris e Philips Holmes estão sendo considerados para o principal papel da historia.

Lloyd Corrigan, ex-scenarista da Paramount, foi promovido a director.

Opinião do chronista do "Film Daily" sobre "Tempestade da Asia", agora exhibido nos Estados Unidos: "Propaganda russa que não constitue elemento de agrado para as platéas de outros paizes. A historia é quasi de nenhum interesse. Uma fita que não guarda nenhum interesse para as casas de espectaculos. Direcção fraca, photographia bôa..."

Mary Pickford, Rod La Rocque, Vilma Bank e Olive Borden, são artistas de Cinema que farão apparições nos palcos de New York, durante a temporada proxima de outomno.

O casal Nicholas Soussanin — Olga Baclanova, teve a visita da cegonha e de lindo garoto pesando mais de 9 libras.

"The Lion and the Lamb", da Columbia, reune no seu elenco, Carmel Myers, Walter Byron, Montagu Love, Raymond Hatton e Charles Gerrard, sob a direcção de George B. Seitz.

Sue e Nick

Um casal feliz e dois sorrisos sym-pathicos...

A FLOR DE MEUS SONHOS

FITA DA COLUMBIA

Producção de 1930

BARBARA STANWYCK .. *Kay Arnold*
Ralph Graves .... *Jerry Strange*
Lowell Sherman .... *Bill Standish*
Juliette Compton .... *Claire Collins*
Marie Prevost .... *Dot Lamar*
George Fawcett .... *Mr. Strange*
Director: — FRANK CAPRA

Jerry Strange é pintor. Ama a sua arte e móra em New York... Ali, no meio de todo aquelle ruido que ensurdece e ao lado de todo aquelle ambiente tão contrario aos seus sentimentos, não se sente com capacidade para fazer qualquer cousa que seja. Claire Collins, quasi noiva sua, é uma moça futil e moderna, completamente moderna e totalmente livre de acções e palavras. Não é a noiva que lhe convém e nem a mulher que o fará ficar apaixonado. Mas... Jerry paga pelo seu socego, e já que falando que se interessa por ella consegue esse mesmo socego, elle fala...

E é assim que travamos conhecimento com este bom rapaz. Nada de americano e por isso mesmo sentimental ao extremo, elle apenas queria paz e socego para poder trabalhar e poder produzir alguma cousa. As continuas reuniões no seu *atelier*. As bacchanaes de modernismo e vinho. Aquellas pequenas tão materializadas, tão sem poesia. São cousas que já o estão pondo demasiadamente contrariado. E assim, quando na noite da ultima festa elle percebe as attitudes escandalosas e debochadas de Claire, que se dizia *quasi* sua noiva, decide deixar aquelle ambiente e ir dar um passeio em seu carro, para esquecer-se daquillo tudo.

——oOo——

Durante este passeio, um encontro casual o põe frente a frente a Kay Arnold. Outra pequena moderna, exquisita, differente. Nos seus olhos, porém, ha uma vantagem sobre Claire: não ha a nuvem de alcool e o *que* de vicio que o fizeram deixar aquelle seu appartamento *artistico*...

Convida-a, mais adiante, a servir de modelo seu, para suas proximas pinturas e tendo ella acceito, diverte-se elle, sempre sonhador, com aquella hypothese que se apresentava de *talvez* elle encontrar uma creatura que, *emfim*, o comprehendesse melhor.

——oOo——

O interesse do principio, fez-se sympathia. A sympathia, em dois lances, tornou-se amor. E antes que Jerry conseguisse reflectir, sentia-se embriagadissimo pela alma de Kay e soffrego pelos seus labios de mel...

Nella, nos seus modos e nas suas palavras, Jerry apenas encontrava cousas que o iam tornando feliz. Ella o comprehendia. Seus modos modernos e seus tons de rebeldia aos preceitos antigos, não eram obstaculos para a nobreza dos seus sentimentos e para o caracter das suas attitudes. Elle não a havia apanhado num delicto que fosse! Sómente recebia, della, aquillo que queria: delicadeza, sentimentalismo e amor. Podia deixar de a querer profundamente bem?

Bill Standish é que não acreditava em nada daquillo. Kay Arnold, para elle, era outra aventureira, igualzinha a Claire Collins.

— ... e se deixares que eu a conquiste, verás que o faço em menos de uma semana...

Jerry acceitou o final da proposta. As palavras de Bill, para elle, não tinham significação alguma. Mas os ataques de Bill, por outro lado, poderiam dar resultado e, assim, elle veria, mesmo, qual era a sorte de caracter daquella pequena.

Ao cabo de uma semana, Bill dava-se por vencido. Tentando conquistar Kay, com toda a sua labia e todos os seus recursos, conseguira apenas as attenções de Dot Lamar, sua companheira de quarto. E assim, mais uma vez, provando-se a virtude de Kay, sentia-se Jerry orgulhoso della e disposto a fazel-a sua esposa.

——oOo——

Quando a noticia arrebentou, a familia de Jerry alarmou-se. Eram os *reis* dos meios *chics* e aquillo era positivamente ridiculo! Que idéa! Jerry apaixonado por uma de suas modellos!!! Revoltaram-se. Mr. Strange e Mrs. Strange combinaram reduzir a cinzas aquelle amor. E, assim, antes que ninguem pudesse avisar Jerry daquillo, Mr. Strange entrou uma manhã pelo *atelier* a dentro e vendo *Kay* em poucas roupas,, pois se preparava para posar, accusou aquillo de *attitude compromettedora* e procurou destruir todo o animo de Kay, insultando-a, violentamente.

Minutos depois, quando Jerry chegou e a encontrou em lagrimas, consolou-a, rindo e disse-lhe que aquillo nada significava e que a resposta melhor que podia dar ao seu pae era pedil-a em casamento...

Beijaram-se, acariciaram-se, immensamente até que se seccassem os olhos della e até que todo o *baton* dos seus labios passassem para os labios delle...

No dia seguinte, quando se achava ausente Jerry, sua mãe procurou Kay e conversou brandamente com ella. Expoz-lhe a situação do filho, a carreira que o mesmo abraçára e que seria embaraçada por ella, caso persistisse em o acceitar para marido e, assim, com palavras simples e delicadas, deixou-a convencida de que não mais devia pensar em Jerry.

Minutos depois, quando Jerry voltou, não encontrou nem Kay e apenas uma carta.

— Já me cancei de você. Bill Standish tem um automovel mais bonito e me offereceu uma viagem a Havana. Acceitei. Quero que você seja feliz com sua nova modelo e veja que seu coração não seja mais tão criança de se apaixonar com tamanha facilidade... Kay.

Jerry pensou que aquillo fosse uma gracinha. Depois pensou melhor e averiguou que não era... Kay deixara-o, sim. Deixara-o, para seguir com Bill para Havana. Seu pae, sua mãe e os jornaes, tinham razão. Era mais uma aventureira que queria apenas dinheiro e bôa vida...

——oOo——

Quando o navio partiu e Bill quiz beijar seus labios, Kay o repelliu. Allegou que não

(Termina no fim do numero).

O publico quer rir. Chega de sapateado!

Stan Laurel e Oliver Hardy...

FAZEM RIR... E POUCO FALAM...

JIMMIE PARROTT E ELLES...

A TELA EM REVISTA

PATHÉ-PALACE

O REI DO JAZZ — (The King of Jazz) — Universal — Producção 1930.

A revista da Universal. Já tivemos a da Fox, a da M. G. M. a da Paramount, agora da Universal e ainda teremos a da Warner e outras. Esta, tem duas qualidades: um colorido magnifico, novo e differente e a *Rhapsodia in Blue* magnificamente executada e soberbamente apresentada. No restante é commum e vulgar como qualquer das outras.

O publico que fôr ver esta fita, deve levar em mente apenas a vontade de assistir a um espectaculo que divertirá. Tem uma bailarina desconjuntada e um dançarino nas mesmas condicções. Titia dirá, por exemplo, que já viu isso no circo de cavallinhos, muito melhor executado. Mas não dê ouvidos a titia e assista *Rei do Jazz* sem susto, porque innegavelmente, é original em certos trechos e com pontos de encantamento para os olhos, em outros.

Foram supprimidos os *sketches* falados, todos elles. Ficaram apenas os cantados e dansados. John Murray Anderson, director theatral, innegavelmente tem imaginação e é original naquillo que apresenta. O colorido, por exemplo, idéa sua, tem trechos admiraveis, como a *Rhapsodia in Blue,* mesmo, com aquelle inicio suggestivo, com aquelle dansarino côr de ebano a dansar sobre aquelle immenso pandeiro.

A versão brasileira, sem duvida, deve alegrar a todos, porque, justiça seja feita, foi bem cuidada e a unica, mesmo, feita para nós. As outras têm sido em inglez ou em hespanhol, como a da Paramunt, por exemplo. Olympio Guilherme e Lia Torá, interessante, apresentam os numeros. E está tudo cuidado na mesma forma geral da fita. Deve-se accrescentar louvores á Universal por causa disto.

John Boles canta duas canções. *It Happened in Monterey* e *Song of the Dawn,* com muita expressão e dentro dos effeitos bonitos que são as moldduras desses mesmos quadros. Ha uns bailados cacetes e outras cousas apenas soffriveis. Em geral, porém, é um espectaculo que enche os olhos e os ouvidos, principalmente.

Paul Whiteman não fala uma só palavra. Diz tudo com musica... E a sua orchestra, innegavelmente, é das mais formidaveis que já se ouviram.

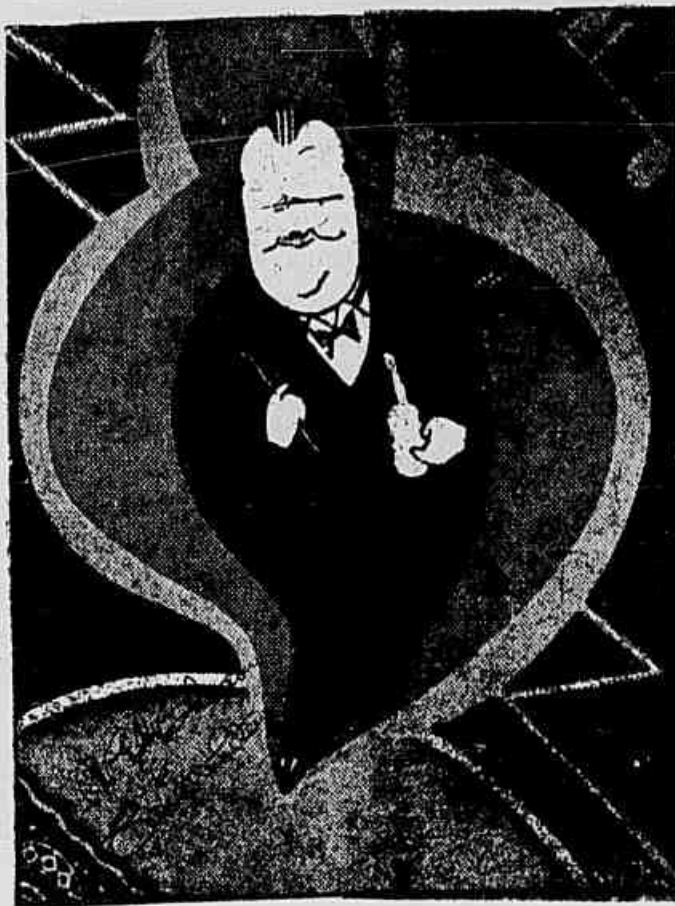
Não se assustem e nem corram para as primeiras, certos de que vão ver uma cousa fóra do commum. Andem com calma que é uma fitinha bôazinha, apenas.

Jenette Loff e Stanley Smith figuram em dois bons *sketches,* tambem. O do véo de noiva é muito comprido e muito theatral. John Murray Anderson, como todo *novo* em Cinema, posto que não seja dos peores, abusou de todos os *trucs* que vimos assistindo ha annos e que para elle foi um deslumbramento: sapatos sapateando vasios, isto é, sem pés. Quadros que se fazem realidades, em uma fuzão e superposições de imagens, innumeras, a fazer as delicias dos que vão aos Cinemas para ver Jack Benne guardar Bessie Love no bolso, como em *Hollywood Revue* ou dansarinos bailarem e depois se recolherem ao armario, como em *Paramount em Grande Gala. Trucs,* em summa, que são a parte mais infantil do Cinema de verdade. Direcção bastante theatral, emfim.

O desenho animado do principio da fita é talvez a melhor cousa do film que é apenas uma revista bem montada e colorida.

Cotação: — 7 pontos.

RIALTO

A MULHER NA LUA — (Die Frau im Monde) — Ufa — Producção de 1929. Programma Urania.

Paul Whiteman, o rei do jazz

Mais uma phantasia de Fritz Lang. Uma supposta viagem á lua, com todas as miniaturas e todos os recursos de *trucs* em que são ferteis o apparelhamento technico da Ufa e, tambem, o cerebro de Lang, de Thea Von Harbou, sua esposa.

Essas concepções phantasticas quando realizadas, deviam servir de motivo a alguma situação mais interessante ou philosophica, impossivel de apresentar com os recursos da terra...

As fitas do casal abandonado na ilha deserta, têm tido a situação mais bem explorada. Neste film, fazem uma viagem á lua para apresentar um villão forçando a porta da heroina, tiros e um final assim *á la* "Bonecas de lama".

Fita para crianças e para os salões de Cinemas de arrabalde, aos domingos. Muita gente ficará achando admiravel aquillo tudo e fantastico o genio de Fritz Lang. Mas nós, francamente, apenas nos rimos com a ingenuidade daquellas realizações. Se é para gastar imaginação, arranje-se logo uma cousa mais importante, um assumpto mais vivo e não se gastasse pellicula e mais pellicula para apresentar, apenas, miniaturas e *trucs*.

E a lua se prestava tanto a algumas scenas de emoção, pelo menos. Film para os leitores do "Popular Mechanic" com elementares lições de astronomia. Film para creanças, com motivos de quem anda no mundo da lua. Film cultural da Ufa, com o augmento de uma historiazinha. Melhor que fossem para o inferno...

Gerda Maurus, Willy Fritsch, Fritz Rasp, Klaus Pohl e G. Wangenheim desempenham os principaes papeis, alguns com alguma exaggeração...

Cotação: — 5 pontos.

PARISIENSE

FOME — (Hungry) — Producção de Olympio Guilherme. 1929.

Depois das suas desillusões com a Fox, Olympio Guilherme tomou-se de brios e coragem e resolveu fazer um film. Custasse o que custasse. Ainda que, mesmo, para isso, tivesse que vender tudo quanto possuia e passar a viver sem migalha de conforto, mesmo.

E, tempos depois desta idéa lhe ter attingido o cerebro, Olympio Guilherme dava ao publico que o queria apreciar, o seu primeiro film: *Fome*.

A historia de Olympio, com a Fox, é longa. A sua ida, para lá, foi o resultado de um concurso. Não vem ao caso aqui discutir se andou bem ou mal a fabrica não o collocando num film siquer. O que se pode dizer, apenas, daqui, é que Olympio cumpriu sua promessa e fez seu film. Historia sua. Direcção sua. Interpretação sua.

Film seu, genuinamente. E, ainda com sacrificios. Porque justamente era elle enviado para cá, na epocha mais cerrada dos *talkies*. Viu sua exhibição no Paiz que é o seu, para juizo dos seus patricios, que, diga-se de passagem, sempre o animaram nesse seu desejo.

Assistimos *Fome*. Lá vimos tudo quanto Olympio sonhou fazer. E, hoje, é chegado o momento de analysar o seu trabalho.

Dentro dos recursos com os quaes fez o film, porém, Olympio poderia ter feito um film melhor.

Não sabemos qual foi a razão de não o ter feito. Porque, audaz e intelligente como é, Olympio devia ter aprendido, por força, a linguagem Cinematographica dos americanos. E, assim, applicando-a, dentro do assumpto tão humano que escolhera, poderia, sem duvida, ter feito um film soberbo.

No emtanto, o film tem má linguagem cinematographica. Não ha escurecer e nem clarear, nas ligações das suas sequencias não sei se por technica sua. Ellas são ligadas por subtitulos que explicam, antes de acontecer, tudo quanto se vae passar. E, além disso, Olympio não foi feliz com a photographia. Nem com os angulos de machina que escolheu. Nem com a representação. Nota-se que todos se sentem vaccilantes e incertos.

Norma Gaetan, por exemplo, extraordinariamente fria e desinteressante, não convence, como heroina, além de vestir-se mal. Elle proprio, não tem um trabalho perfeito. Porque foi logo escolher um assumpto difficil. Nem tanto pela sua representação. Quanto pelo seu typo que não é aquelle que convence, naquelle papel.

Os soffrimentos de Eugene St. Clair, carregados de dóse um tanto ou quanto excessiva de *hokum,* como a da lata do lixo, por exemplo, não são dos que convencem. Mesmo a lagrima de Eugene St. Clair, não conseguirá uma lagrima a seu favor. Tudo aquillo está muito despido de humanidade.

No emtanto, apesar do pouquissimo Cinema que o film tem, encarado sob o ponto de vista do film americano, o trabalho de Olympio revela, certamente, uma grande dose de intensa vontade de vencer e de grande ousadia.

O assumpto não é dos que o publico aprecia. E a sua narrativa Cinematographica, além disso, está pouquissimo explicada. Não se comprehende, mesmo, porque é que este ou aquelle entram em scena. E nem porque aquelle outro ainda está lá. Basta dizer que, em S. Paulo, Eugene St. Clair passeando pelas ruas da Cidade, com o cartaz ás costas, era trecho do final do film. E, aqui, não. E' justamente o principio. Sem explicação a l g u m a e sem nada, passa-se, logo depois, para o aspecto delle saltando do trem de carga e chegando áquella Cidade. Mudança apenas explicada por um subtitulo. Isto, sem duvida, para fazer o film terminar no idyllio de Olympio e Marcella Batellini, photographados pela Kodak. Os elementos latinos de Hollywood, quasi todos, tomam parte no film. Entre elles, Adhemar Gonzaga, director desta revista, que, durante sua estadia lá, no anno passado, accedeu ao convite de Olympio e tomou parte em diversas scenas. Todos o devem ver, para admirar o intenso esforço e a grande força de vontade de Olympio Guilherme. Mas o film é uma idéa bonita, mal narrada. Se Olympio a escrevesse numa revista talvez fosse uma pagina de interessante literatura. Em imagens como está escripto não satisfaz.

Cotação: 5 — pontos.

Sharon Lynn...

Sharon não frequenta Cinemas Falados. Tem papagaio em casa.

O "CINEARTE-ALBUM" DE 1931 TEM UMA SURPREZA EM CADA PAGINA! E' O MAIOR E O MAIS BONITO.

ROBERT AMES E ANITA PAGE EM "WAR NURSE".

MYRNA LOY, JOSE' BOHR E CARMELITA GERAGHTY EM "THE ROGUE OF RIO GRANDE".

Onde está Anna Q. Nilsson?...

(F I M)

pre amou demasiadamente o seu trabalho. A vida, então, amava-a ella apaixonadamente, em todas as suas phases. Anna sempre fôra uma creatura viva, cheia de vida e robustez. Dansava, nadava, jogava tennis e era eximia amazona e tudo isto, para ella, não era affectação, não, e sim necessidade. Agora, infeliz, ha tres annos que se acha cerrada ao encontro de fôrmas e de muletas e ainda nos dias mais bonitos da sua vida, quando tudo ainda lhe sorri favoravelmente, alegremente.

Durante as primeiras semanas, a luta susteve-a ella, sózinha. Era terrivel a solidão que a circumdava. Hollywood, occupadissima, ainda não havia notado a sua ausencia. Ninguem podia siquer suppor o que se tinha dado. Esperavam vel-a, de um momento para o outro. Tendo deixado as reuniões, momentaneamente esqueceram-na.

Aquillo magoava. Trazia amargura intensa para ella. Mas Anna comprehendeu e manteve-se animada.

— Todos estão tão atarefados! Sei o que é isso... Não tenho eu tambem estado atarefadissima?...

Era apenas o que ella dizia, nessas occasiões.

Agora, porém, as cousas estão differentes. Hollywood acordou. Assim que comprehenderam o que estava Anna Nilsson enfrentando, sózinha, sem amparo e sem conforto, correram para ella e começaram a animar. E ella os recebeu, a todos, com os signaes da maior satisfação, sem um só resentimento, sem uma só censura.

O ultimo verão, Anna passou em sua pequena casa na praia de Malibu. Depois de muitos tratamentos, muitas consultas e conferencias, decidiu-se que os quadris ainda não se achavam devidamente sãos e, assim, os doutores resolveram tentar raios solares e diéta para elevar o estado da sua saude para preparar a sua resistencia para a gravissima operação a que se tinha de sujeitar, tempos depois.

"Devia" ter havido desespero no coração de Anna Nilsson. O tempo era infinito. A angustia daquella espectativa esperançosa, esperanças renovadas e aos tombos, novamente... E, na sua casa na praia de Malibu, ella ainda mais triste se sentia, coitada, porque, ainda que não quizesse, recordava-se dos dias felizes e satisfeitos que ali passára, correndo e divertindo-se, justamente aonde agora arrastava-se lentamente. E ainda com aquella terrivel alternativa: nunca mais poder andar!

Poucos dias depois do Natal, ella nos avisou que aquella semana, mesmo, voltaria ao Hospital. Mas contou aos amigos mais intimos e pediu que ninguem désse noticias disso aos jornaes.

— Não quero que ninguem pense nisso, em mim, portanto e, assim, passe alguns segundos de aborrecimentos, recordando.

Disse ella e continuou firme nos seus propositos. Mas as novidades, em Hollywood, nao andam, vôam!

Se é que a colonia de Hollywood rezou, alguma vez, foi esta vez por Anna Nilsson. Naquella sua jornada, para o valle das sombras, precisava ella, mesmo, de muitas orações. Diante do altar da Bemaventurada Virgem, não foram poucas as velas que se accenderam e nem menores os votos e as promessas que diversos collegas seus fizeram á Mãe de Deus, por ella. A Igreja de Christo, em Beverly Hills, tambem recebeu innumeras promessas e innumeras caridades em beneficio della Anna que tomaria o troco, as orações das freiras e dos sacerdotes. Mandaram-se rezar innumeras missas e todos se interessaram pela sua sorte e aquelles que não rezaram e nem iam á igreja mesmo oraram a seu modo: lembrando-se dellas a todos os instantes e tudo fazendo para alliviar o seu padecimento intenso.

Agora, chegou o periodo de espectativas. Ha cinco mezes que Anna espera, calada e paciente, como sempre foi, a solução final do seu problema. Um sorriso forte, nos labios, anima a recemção á noticia: ou andará ou será uma eterna aleijada.

Diversos directores já têm promettido a Anna Nilsson que, assim que sare, terá papeis certos para desempenhar. Mesmo que não a queiram, temos certeza que ella, se tornar a andar, vencerá os productores e os directores e conseguirá seu trabalho, á custa do seu proprio esforço e bôa vontade.

Aqui, porém, queremos deixar as ultimas palavras. Quer volte ella como "estrella", quer como uma infeliz para o resto dos seus dias, de uma cousa póde estar certa: jamais encontrará no coração de Hollywood um desconforto. Todos a estimam muito e todos sabem a sorte de mulher vigorosa e admiravel que ella é. Devemos estimal-a, muito, porque ella é digna de toda essa estima e de toda essa consideração.

Agora a vida intima de Greta Garbo

(F I M)

penteava. Uma vez por semana, lavava-o com *shampoo*. Se estava trabalhando, eram Alma, sua criada de côr ou Billie, sua cabelleireira predilecta que tratavam de seus cabellos.

Ella é gulosa e tem um excellente appetite. Certa vez disseram que ella se sentia fraquissima por causa de uma diéta. E era verdade, porque ella, de facto, fizera um regimen grande, para obedecer a uma ordem do Studio que a estava achando muito gorda. Durante as suas férias, na Suécia, engordou ella 14 libras e sempre se sentiu bem disposta e com muita saude. Pesa, geralmente, 128 libras, mais ou menos.

Seus amigos intimos, são Sorensen, Jacques Feyder, o director e sua senhora, John Loder e sua senhora. A esposa de John Loder então, era amiga intima de Greta Garbo, frequentando sua casa assiduamente. Falavam só em allemão. Era costume delles, todos, quando reunidos, por accordo que haviam feito, conversar em allemão. Mas com os criados, Greta Garbo sempre falou suéco.

De uma feita, ella convidou Sorensen, Feyder e seu director assistente para um almoço. Serviu-lhes feijão branco, carne secca, pão russo, bolos e café. Alguem lhe lembrou que recebia visitas e ella respondeu, fleugmaticamente: "Que comam o que eu gosto e costumo comer".

Depois do jantar, geralmente, costumava ella divertir os seus convidados com sua electrola. Tinha um disco suéco que ella tocava sempre e todas as noites. Era uma rhapsodia de melodias de uma revista popular de Stockholmo. Havia, ainda, duas canções que sempre a emocionaram immenso. Eram ellas, *Low Downe Oh, What a Man*, cantadas, ambas, por Sophie Tucker.

Durante o verão de 1929, Greta Garbo não se dedicava a homem algum. O seu romance com John Gilbert já havia terminado. Quando se encontravam no Studio, não se falavam e nem siquer se cumprimentavam. Em sua casa, jamais mencionou ella o seu nome, embora ás vezes falasse num papagaio que lhe havia dado.

Uma occasião Sven, seu irmão, um successo das fitas e dos palcos suécos, quiz vir para Hollywood, Chegou, mesmo, a mandar um "test" para a M G M. Ella e Edington, porém, discutiram sobre a vantagem delle vir ou não vir para Hollywood. E, afinal, decidiu-se que elle não viesse, por certos motivos. Hoje elle trabalha nos Studios que a Paramount mantem em Paris.

Ella costumava dizer, naquella época, que quando expirasse o seu contracto, em 1931, ella deixaria os Estados Unidos para sempre, porque não lhe agradava a sua vida de Hollywood e do Cinema. Ella queria construir uma casa perto do lago Sallsgon, perto de Stockholmo. Lá é que ella sempre dizia que ainda seria feliz, um dia.

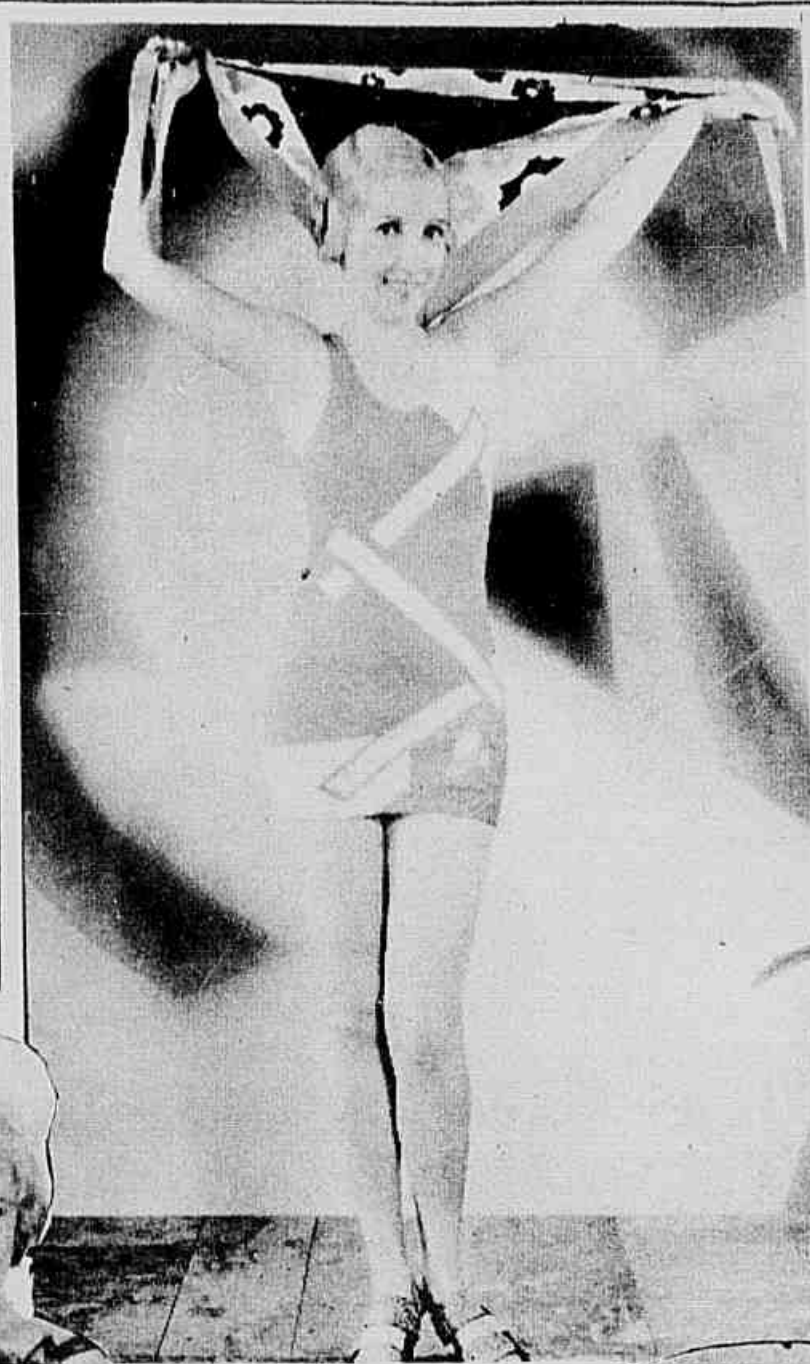
A conquista da fama nos theatros da Europa, é outra cousa que ella tambem quer conquistar, um dia. E como apenas tem 25 annos, agora, naturalmente será facil conseguir isso.

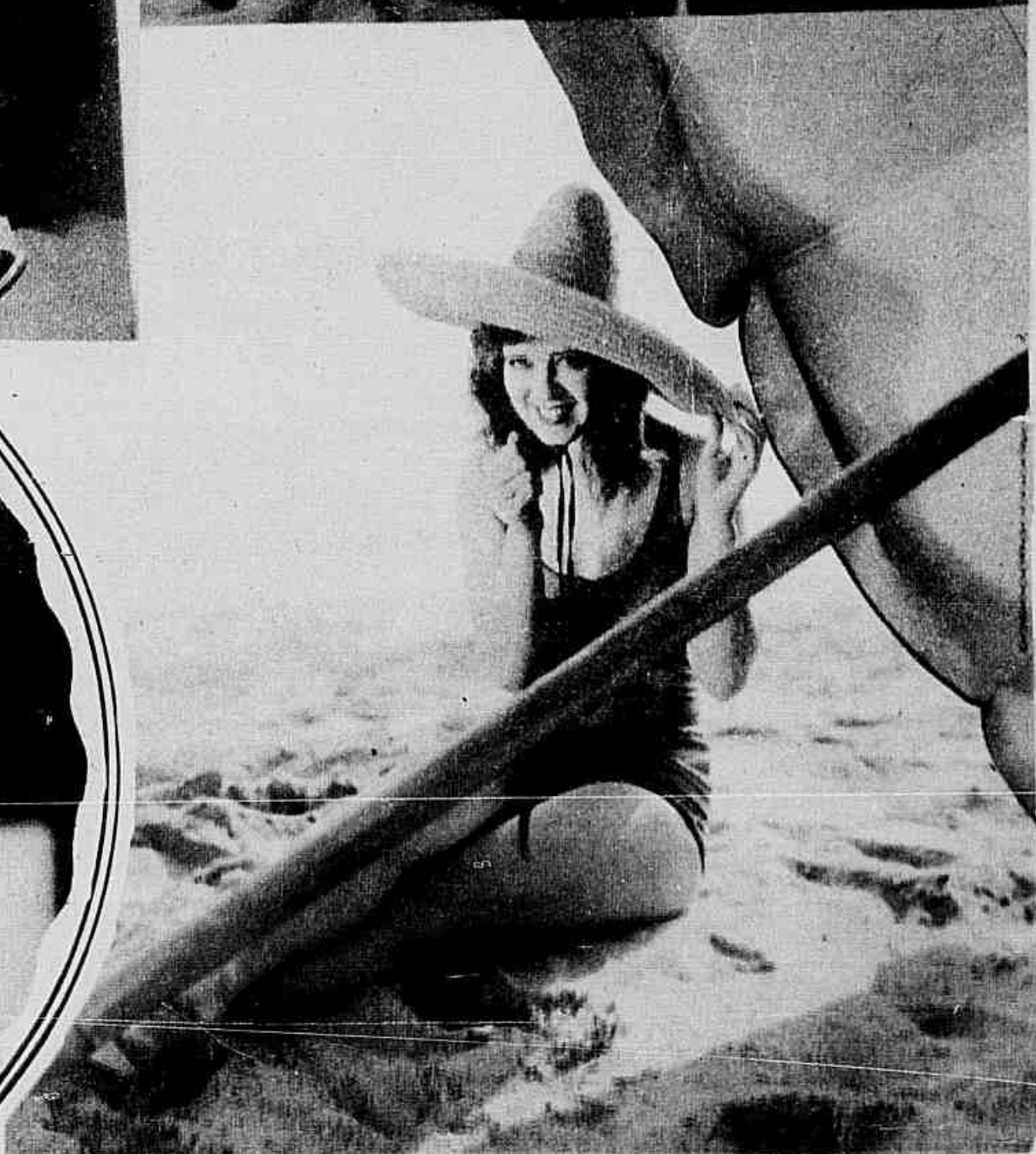
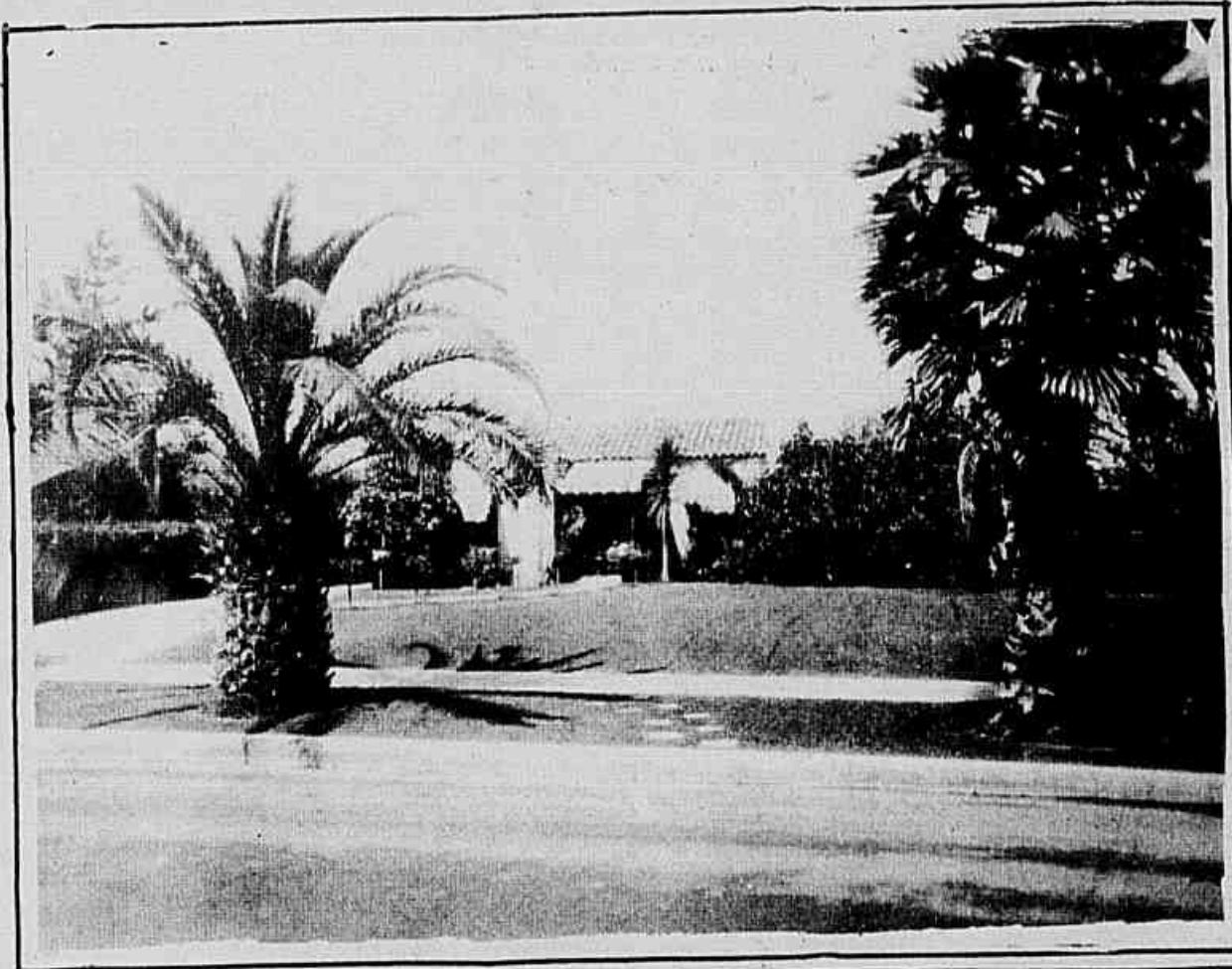
E aqui está tudo quanto de intimo e de interessante conseguimos sobre a vida de Greta Garbo, a mais maravilhosa e mais admiravel de todas as artistas de Cinema.

Messias ou ameaças?...

(F I M)

sas fitas, os "sons" da propria vida — os sons que não são nacionaes e, no emtanto, capazes para todos os povos do mundo — então poderemos ter a certeza de que estamos fazendo fitas perfeitas, afinal. O som da chuva, cahindo sobre as lages, o respirar da turba, os gritos de alegria e de dôr, e o mais dramatico de todos os sons: os sons das machinas, os mo-

(*Termina no fim do numero*)

Bessie Love

ERA
INGENUA.
CRESCEU.
NINGUEM
QUIZ
SABER
DELLA.
VEIU
"BROADWAY
MELODY".
VOLTOU A
SER
IMPORTANTE.
AGORA...
...QUE FAZ
BESSIE LOVE?

Clarinha
Bowzinha

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Messias ou ameaças?...

(F I M)

dernos deuses da humanidade, ahi, então, teremos conseguido tudo. E' o que penso do Cinema falado. Nestes Studios temos apenas um principio: ignoramos radicalmente o fim.

* * *

Está provado, por este artigo, que Eisenstein, de facto, é uma creatura intelligente. No emtanto, provado tambem está que elle está, ou antes, esteve fazendo fitas para a *Russia Sovietica* e não para o mundo. O Cinema Russo, na nossa opinião, é, mesmo, como a propria Russia que Eisenstein descreve: com camponezes agora conhecendo os arados movidos a machina e os tractores que cuidam da terra. E' um Cinema que agora conheceu os seus tractores e, assim, jámais poderá se equiparar a um Cinema que já usa tractores ha tanto tempo, como o Americano. Tractores, neste caso, são as fitas bonitas e agradaveis que assistimos diariamente e não esse amontoado de caras sujas e roupas rasgadas que muita gente quer impingir como arte.

Von Stroheim apresenta a realidade da vida em ambientes os mais sociaes. Agora, se é para o Governo exhibir *gratis* aos camponezes, então que se mostrem cousas que os animem a achar a vida mais bonita e mais interessante e não duzentos tractores a arar a fita toda uma fazenda maior do mundo...

Elle citou King Vidor. *A turba* de King Vidor, por acaso, é a turba de Einsentein? Não! A turba de King Vidor é a turba sã, bonita e que usa "gilette".

A flôr de meus sonhos

(F I M)

se sentia bem e que elle esperasse ao menos algum tempo para a beijar. Disse aquillo brincando e pedindo, ao mesmo tempo, que elle a deixasse só, no tombadilho, para tomar um pouco daquelle ar fresco que vinha do mar e infammava o coração de saudade e de tristeza...

E, quando ficou só, afinal, naquelle tmbadilho, longe de Bill, pensou maduramente na sua situação. Se seguisse com elle, não poderia deixar de ser sua amante. Se não seguisse... Mas não seguir, como?... Foi ahi que lhe veiu, como relampago, a idéa. Pensou-a, olhou em volta de si, realizou-a. Em dois golpes saltou a grade que a separava do lado de fóra e num instante poz em polvorosa todos os que ali se achavam.

Atiraram-se salva-vidas. Cordas. Tudo! E quando a tiraram dagua, resolveram removel-a para terra, pois ainda estavam bem proximo, deixando-a num hospital.

* * *

Naquelle hospital, Jerry a foi visitar. Elle soube de tudo. Pelas simples declarações e pelas simples noticias, comprehendeu tudo: ella o amava, profundamente, fazel-o feliz usando aquelle estratagema de fugir com seu melhor amigo...

Quando ella o viu ao seu lado, não quiz acreditar. Mas depois, quando elle lhe poz no dedo o annel de noivado e, sobre os labios, o mais terno e apaixonado dos beijos, ella acreditou. Depois, elle disse, brandamente, como que acariciando-a com as palavras de ternura que lhe dirigia.

— Kay... Promettes que nunca mais me escreves cartas e que nunca mais me deixas num abandono tão triste ...

Ella não respondeu. Pegou com suas mãos de sêda o seu rosto e beijou-o, todinho, como se beijasse o mais precioso e o mais querido dos thesouros...

Labios sem Beijos

(F I M)

— Paulo Morano!!!

E, de novo, deixou-se sacudir pelo choro violento que ha minutos a vinha commovendo.

Para Lelita, aquillo era a suprema tortura. Na sua vida, até aquelle dia, não tinha sentido por homem algum uma paixão. Todos lhe haviam interessado, aqui e ali, como ligeirissimos *flirts* sem consequencia. Mas Paulo Morano... Tinha sido o seu amor. Aquella confissão de sua prima, assim innocentemente feita, sem intenção de a ferir, era a ultima das bofetadas que lhe poderiam lhe ter atirado. As lagrimas lhe vieram aos olhos, violentas e correram-lhe pelas faces, duas a duas.

— Paulo Morano...

Soletrou ella baixinho, bem baixinho, na ironia mais causticante que encontrou dentro de seu coração transbordante de fel...

* * *

— Foi você!!! Eu sei que foi você!!! Ella não quer mais falar commigo. Não me quer ver mais. Disse que nem mais quer saber que existo!!! Só póde ter sido arte sua!!!

E Paulo, violento, dizia a Tamar todo esse alluvião de injustiças...

Elle sentia-se ferido. Amando Lelita, bastante, demais mesmo, não comprehendia porque é que ella o desprezava assim. Outro homem? Tinha elle sido apenas um capricho? Ou uma intriga?... Alguma mulher que lhe houvesse intrigado... Só podia ter sido Tamar, a sua ultima aventura...

Ella, pobrezinha, sorrindo sempre, disse-lhe, gosando aquelle soffrimento.

— Sim, fui eu!!! Fui eu mesma! Não fiz bem?...

Elle se ergueu. Deixou-a. Antes que perdesse a cabeça e a esbofeteasse, ali mesmo. A sua decisão já estava formada. Sahiu num impeto.

E quando o violino começou a gemer e a contar, nas melodias daquelle tango a historia de uma *muchacha* que fôra abandonada pelo amante que *se fué*, Tamar deixou cahir a mascara: chorou, chorou todo aquelle amor que se fôra embora e que ella não tinha forças para reter...

* * *

— Saia!!! Ponha-se para fóra!!!

Lelita disse, surdamente e voltou-se para o lado da janella. Era Paulo Morano. Invadira-lhe os aposentos e vinha buscar a satisfação que queria, num ultimo recurso.

A scena foi rapida. Elle a apanhou pelos hombros, violentamente, fel-a calar. Depois, em voz surda, disse:

— Menina, você se enganou! Eu não sou mais um dos seus joguetes, mais uma de suas troças. Quando eu a vi na festa do apartamento da Gina, eu já devia saber, mesmo, quem você era... Pinta os labios, pinta o sete, pinta a propria alma!!!...

Ella se afastou. Olhou-o. Era tanta a colera que a empolgava que não havia meios de dizer aquillo sem se emocionar profundamente.

— Pinto a propria alma, talvez... Pinto os labios. Mas, senhor, eu lhe digo: quando o conheci, meus labios eram sem beijos!!! Se ha macula, ella é sua!!!

Elle não quiz ouvir mais. Agarrou-a. Quiz beijal-a, quiz cumprir o plano que trazia traçado em seu coração. Viu uma sombra sobre a parede. Estacou. Era a sombra de uma cruz. Pensou. Pensou muito naquelle ligeiro symbolo que ali viu estampado. Teve respeito, reflectiu. E antes que Lelita lhe perguntasse qualquer cousa ou dissesse outra, saltou por onde entrára e correu para longe della, antes que mudasse de resolução...

* * *

Na manhã seguinte, Lelita resolveu pôr termo áquillo. Iria falar com Paulo Morano, obrigal-o-ia a cumprir o seu dever para com Didi, sua pobre priminha.

Temiam que tio Rosario soubesse. Elle era extremamente bom, extremamente docil e paciente. Aquelle golpe seria o final da sua vida.

Didi não a queria acompanhar, temendo aquelle impulso de genio de Lelita. Mas foi.

E ahi, em correria louca, sabendo onde o encontraria, Lelita dirigia seu carro como se fosse uma maluca. Ruas e mais ruas as rodas devoravam. Até que numa curva de estrada distante, a caminho do local onde ella sabia encontrar Paulo Marano, não vendo um grupo que caminhava pela estrada, atropelou um delles.

Os outros dois, caras pavorosas, vendo paradas duas moças, sózinhas, acharam que ali havia situação e partido para agirem livremente. O mais feroz delles avançou até ao carro, apanhou o pulso de Lelita e começou a dominal-a. O outro, ficou em espectativa.

Gritos, eram inuteis, ali. Brados de soccorros, muito menos. Ellas não tinham a arma mais ingenua. O que fazer?...

* * *

E' a pergunta que deixamos aqui, tambem. O final, dramatico e interessante, ao mesmo tempo, revela toda a solução do problema. A luta pela salvação de Lelita e Didi. E, tambem, o problema todo resolvido. Com lagrimas? Com beijos? Com sorrisos ou com tristezas?...

Não podemos e nem queremos roubar ao publico que fôr assistir a fita este prazer intenso. Contar, seria matar todo o interesse. Mas Lelita Rosa, Paulo Morano, e o elenco todo de *Labios sem beijos*, melhor do que ninguem contal-a-á ao publico, brevemente.

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO.